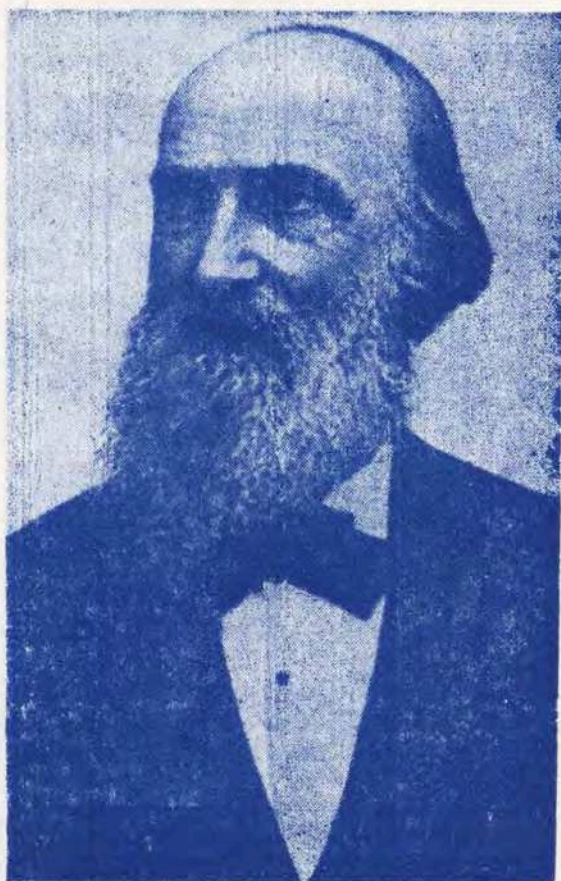


Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVII

Abril de 1996

Nº. 4



IMPRESSO

EFEMÉRIDE DO MÊS

FRITZ MÜLLER NASCEU NA ALDEIA DE WINDISCHHOLZHAUSEN/ALEMANHA NO DIA 31.03.1822. FALECEU EM BLUMENAU NO DIA 21.05.1897. EMIGROU PARA A COLÔNIA BLUMENAU COM SUA FAMÍLIA E O IRMÃO AUGUST MÜLLER NO ANO DE 1852. FORMADO EM MEDICINA. FOI PROFESSOR NO LICEU PROVINCIAL (DESTERRO / FLORIANÓPOLIS). INICIOU SUAS PESQUISAS CIENTÍFICAS OBSERVANDO E ESTUDANDO OS CRUSTÁCEOS, FLORA E FAUNA. MANTEVE INTENSA CORRESPONDÊNCIA, TROCA DE EXPERIÊNCIAS E INFORMAÇÕES COM CHARLES DARWIN, SOBRE A ORIGEM DAS ESPÉCIES POR MEIO DA SELEÇÃO NATURAL. MANIFESTOU-SE ATRAVÉS DO SEU LIVRO FÜR DARWIN À FAVOR DA TEORIA DARWINIANA. FOI ACLAMADO POR ESTE CIENTISTA: "O PRÍNCIPE DOS OBSERVADORES."

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES
A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO :

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Abril de 1996

Nº. 4

SUMÁRIO

Página

Verbetes para Dicionário de História (5) — Theobaldo Costa Jamundá	98
Um luso-brasileiro em Blumenau — Ruy Moreira da Costa	100
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	107
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	109
A Confeitaria Tönjes da Frisia para Blumenau e a Rua 15 — Werner Henrique Tönjes	111
Figura do Passado — Armando Luiz Medeiros	115
Aconteceu... — Fevereiro de 1996	118
Curiosidades de uma Época - XLI — S.C. Wahle	119
Registros de Tombo de Brusque (IV) — Pe. Antônio Francisco Bohn	121
Aconteceu... há 50 anos passados	123
Genealogia das Famílias Gehrent — Schmidt e Silva — Gorges.....	123

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787

89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CLICHÊ: Cortesia da GLICHERIA BLUMENAU.

VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (5)

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

1. ALEXANDRO LENARD

É registro no "JSC" (Blumenau, SC, 15.04.1972) que por esses abeiramentos dos itajaís, viveu de corpo e alma um húngaro genial. Quando foi residente e domiciliado na rua Paraná nº. 340 cultivou a simplicidade natural dos sábios: nenhum destaque. Já internacionalmente, conhecido e no desfrute de maior no grupo húngaro de São Paulo, SP. Conviveu na paz que os blumenauenses permitiram e circulou no anonimato e interesse que cultivou. Senhor de sensibilidade musical superior ele fez da música de Johann Sebastian BACH (1685-1750) o veículo para ultrapassar carências materiais e viajar a vida norteador pela ponta do próprio nariz.

Como quis instalou-se no lugar "Nova Esperança" lá pelos altiplanos de "Dona Emma", áreas do rio Hercílio ou como se sabe o itajaí das bandas do norte. Alí para os simples foi entendido como vizinho doutor-médico. E alí passou à eternidade integrado na terra onde vivia pinheiro do encanto dos seus olhos. E de certo, espiritualmente, perpetuou-se na liberdade infinita do ambiente paisagístico.

Entender que foi egoísta não o define apropriadamente: sendo médico diagnosticou a dimensão da síndrome belicista no corpo da velha Europa. E preferiu a opção de deixá-la. Dominado pelo pensamento de escritor espiritualmente, conduzido pela música de Bach, ambicionou viver vida em espaço de geografia clorofilada de verde tranquilidade. Avalie-se que o chão ibiramenense do tempo, no qual, por ali radicou-se para transmutar-se, não era usado portanto

não useiro o vocábulo: POLUIÇÃO. — Apenas palavra dicionarizada, não informava ser como neste fim de século, variável identificadora do poder dos HOMENS. O médico e escritor refugiou-se em NOVA ESPERANÇA (Sintomática a significação do topônimo) imitando o vienense Stefan Zeig (1881-1942) na rua Gonçalves Dias na fluminense Petrópolis. Ambos andaram o poema da fuga pelas últimas páginas da vida.

Testemunha confiável da presença do médico, escritor e criatura de perdido amor pela música de Bach, Alexandro Lenard, na amorável paisagem de Dona Emma, e que, exatamente, foi encerrada no dia 14 de abril de 1972, é o artista plástico Marcondes Marchetti, ex-deputado estadual, pessoa de circulação destacada no espaço da inteligência catarina, e que durante o governo Antonio Carlos Konder Reis, exerceu a função de coordenador de assuntos culturais em nível estadual. Decerto é autoridade de conhecimentos sobre a vida desse húngaro nos áreas de Ibirama, SC.

2. O ÍNDIO VIVE NOS NOMES DOS LUGARES

Alivia a mágoa e corrige a injustiça o tema do texto assinado por Paulo Edson Paim (DC., Fpolis., 10.03.96) opinando por convicção que os índios do território catarinense, estão perpetuados nos topônimos que deixaram como herança. Dir-se-ia que o enraizamento ultrapassou o ressentimento produzido no conflito qualificado por alguns como sendo o imigrante a parte de Deus e o índio a parte de Satanás. Localizando o conflito no espaço dos europeus chega-

dos em 1850 e 1875. Imprecisamente dizendo o conflito dos imigrados oriundos da Alemanha e da Itália com os índios que habitavam a floresta. O imigrante bitolado na boa-fé e na necessária força de vontade, e o índio recebendo-o como invasor da mata da qual era filho. O conflito teve corpo e provocou marcas, profundas desavenças e doloridas máguas. — Só é relatado o que está na queixa do imigrado. O que o índio perdeu não foi levado em conta. Sabe-se que não existiu convivência pacífica. Imagina-se que o imigrado alcançou o saber utilizar a mata através da gente carijoara, criaturas sensíveis ao interesse do estrangeiro.

Assim falam as leituras confiáveis que o imigrado venceu com e para o progresso. **E o índio além de afugentado ontem, ainda hoje, por alguns é insultado com qualificativos impróprios plenos de inspirada ignorância: excomungado, assaltante, ladrão, assassino.** Com boa vontade e pesando os comportamentos do imigrado e do índio, chega-se a conclusão que alguém dos negócios da imigração, não informou ao imigrado sobre a existência de índio nas terras onde estavam os lotes da área do povoamento. E que o índio era o natural da selva, do mesmo modo que a imbuía, a orquídea, a jacutinga.

Raciocínio sustentado por bom senso, diz que já é tempo de tratar o assunto sem paixão. E isto por que (1) O imigrado era civilizado e praticante de religião. (2) Ele, o imigrado foi que chegou para civilizar; (3) O índio, pela própria natureza era das raízes nativas do complexo ambiental, e desde antes que, os olhos do almirante Pedro Alvares Cabral, vissem a nudez do selvagem de Porto Seguro (Bahia, 1500).

Sem obnubilar nem menosprezar o sofrimento e a dor dos sacrificados no entrevero entre imigrado e índio, convém examinar o valor ético inserido na herança deixada pelo imigrado enfrenta-

dor da agressividade ambiental, na qual o índio aparece. Este valor ético foi alienciado em aprendizagem para o processo do abasileiramento. Aprendizagem decorrente da vida no meio estranho, é a resultante. E o imigrado sendo o triunfador bem sucedido, usou o quanto foi possível e necessário e podia tirar do meio selvagem. Precisa-se entender também que aceitou: (1) Valer-se do que o índio praticava e não lhe alterou a linguagem das coisas, dos locais e das receitas culinárias e medicinais; (2) Também auxiliado pela gente carijoara aprendeu desfrutar os recursos da mata e do rio; (3) Pressão do ambiente modificando-lhe maneiras e atitudes que trouxe porém construiu-se na figura sonhada quando optou ser unidade na corrente dos transmigrados, o que se pode entender também, ser a corrente dos esperanças; (4) Deixar a Europa como solução via de vida melhor. Quando decidiu imagina-se estar capacitado para confrontar-se com todos os riscos de todas as dificuldades. Raciocinou como criatura adulta, civilizada e com educação religiosa orientadora. A fé o fez um forte. — Logo! — Para ele, o conflito com o índio, foi um entre os tantos obstáculos difíceis.

Esta é uma versão relacionando imigrado e índio como criaturas humanas: o imigrado gente de fé e de esperança, e o índio na palavra do dominicano Bartolomeu de Las Casas, (1474-1566) sendo entendido desde 1516: "Criatura humana livre". O nosso irmão da selva, na palavra oficial da Espanha católica era assemelhado ao homem civilizado filho de Deus. O dominicano antes mencionado conseguira em 1550 uma legislação protetora do aborigene. Este raciocínio sugere também meia dúzia de considerações:

(1) Hoje se tem extenso material literário avaliador do conflito: Imigrado e Índio; (2) O homem da mata dos itajais ignorava o que fosse e quem era

o imigrado; (3) Civilizar o índio interpretou chegar para tomar chão de sua mata; (4) Autóctone o índio vivia a plenitude da "LEI DA SELVA"; (5) Para o índio o imigrado foi aparição exótica; (6) A omissão dos responsáveis por colonizações fomentou o conflito.

É admissível que herdeiro do sofrido por ancestrais relembre e recontе o encontro trágico com o filho da selva. Entretanto, no dia atual pelo arrazoado com base nas ciências sociais e todo volume dos acontecimentos envolvendo o **ÍNDIO BRASILEIRO**, é inadmissível insultar à memória do índio existente na madrugada do povoamento europeu nos abeiramentos dos itajaís. Ele o índio também foi vítima da mercância regente da locação do imigrado. O civilizado cristão canalizador da corrente povoadora atirou o imigrado para o enfretamento com o selvagem filho da selva assustado.

Em vez do ódio à memória do índio que também foi vitimado se lhe ofereça a compreensão de, materialmente, ter fugido entretanto deixou a experiência

reunida em vivência que caboclos e cafusos transmitiram aos europeus, indistintamente. **Reconheça-se que foram as lições nativas, as possibilitadoras do imigrado sentir os pés no chão da esperança, e o cérebro bem certo que o amanhecer do dia seguinte seria melhor.**

E foi pela assimilação que o imigrado assenhoriou-se dos favorecimentos de MÃE-TERRA-ADOTIVA de todos europeus, e que era a natural do índio.

E assim a toponímia tupi-português com raiz já secular quando chegaram os europeus à mata catarina dos itajaís nomeia lugares. Convém ler vagarosamente, o livrão de GABRIEL SOARES DE SOUSA, Notícias do Brasil, M.E.C., 1984; este tem contribuições de F.A. Varnhagen, Pirajá da Silva e de F. Edelweiss. E na boa prata da inteligência catarina, se tem o inesquecível EGON SCHADEN (04.07.1913-16.09.1991) professor da USP portador do conceito de "Maior na Etnologia guarani" (Cf. "Revista da "USP", 13, março-abril-maio, 92).

UM LUSO-BRASILEIRO EM BLUMENAU

A Ponta Aguda

Há alguns meses atrás, ao chegar a Blumenau pela Rodovia Guilherme Jensen, entrei na rua das Missões e vim tocando até a velha ponte metálica da Ponta Aguda. Em lugar de seguir até a sinaleira da rua República Argentina, dobrei na rua Peru e daí passei pela rua Uruguai. Olhei para a esquerda para ver a casa que era nossa, de nº. 444, e levei um susto: a coitada estava pintada de cores pra lá de berrantes: amarelo cromo, azul celeste e predominando sobre tudo um roxo-violeta cor de mortalha. Senti a mesma coisa que sentiria se visse meu pai com a cara pintada de pa-

lhaço. Depois de acalmar a minha indignação, notei que agora a nossa casa era uma escolinha para crianças, um jardim de infância, uma creche. Daí a pintura exagerada, com a qual não me conformava. Tudo isto era para divertir os pequeninos. O jardim tinha sido entulhado de pedregulhos, sufocando o gramado, mas ainda lá estavam o meu pé de ipê amarelo, que criei desde a semente vinda do Clube Bela Vista; o cedrinho que João Paulo ganhara em Curitiba, no Parque Castelo Branco, agora com mais de quatro metros de altura; o pinheirinho Tannen que Maria Antônia ti-

nha num vaso e que transplantara para o jardim antes de nos mudarmos e que agora se igualava em altura ao cedrinho; não existia mais o palmito ao lado do portão, que plantei no coquinho germinado. O projeto que meu irmão Rubio concebera ainda sobressaía por baixo da pintura apalhçada: um imenso gafanhoto prestes a saltar, moldado em uma estrutura de concreto aparente. A casa que foi de nossos sonhos estava agora, depois de idosa, desempenhando uma nobre função social, ainda que vestida com traje e maquilagem circenses. Quem diria que chegaria a tanto!

Comecei a me lembrar de como chegamos a ser moradores do nobre bairro central da Ponta Aguda há quase trinta anos atrás.

Foi num magnífico fim de semana de março que chegamos com nossa mudança para tomar posse do nosso apartamento no Edifício Karmann, na esquina das ruas Bolívia e Avenida Brasil, em pleno coração da Ponta Aguda. Era um edifício de apenas quatro pavimentos, no qual os peões de construção ainda estavam fazendo o acabamento. O andar térreo estava ainda bem cru, era de propriedade do Sr. Aggeo Guerreiro e do seu genro, Dr. Caio Natal Teixeira Ferreira. No primeiro andar já havia um pronto e a proprietária, Dona Else Otte, já estava morando. O nosso era no segundo andar, de frente para as duas ruas e tinha sido terminado naqueles dias. No terceiro andar, um dos apartamentos pequenos, com frente apenas para a Avenida Brasil, também já estava habitado. Era do Dr. Frederico Jürgen Nebelung e de sua esposa Dona Gisela, uma das meninas Sammet. Tinham um filhinho chamado Gunter. As ruas ainda estavam em serviço de calçamento a paralelepípedos e a Avenida Brasil era uma larga faixa de terra. Era o ano de 1967.

Vindos de uma casa na zona rural e de uma minicasa na Velha, meus me-

ninhos estranharam um pouco a vida num apartamento, mas em um mês ou dois já estavam ambientados. O que mais estranhámos foi a vizinhança. Em criança eu sempre considerava a Ponta Aguda como o quintal do vizinho: As frutas eram mais saborosas, as árvores mais frondosas. Quando íamos visitar o Sr. Acary Guimarães, amigo de meu pai, que morava onde hoje é a cabeceira da Ponte, pegávamos a balsa, se íamos de carro de mola; ou se íamos a pé, passávamos o rio de bateira. Desembarcávamos onde hoje é a prainha. Poucos e felizes proprietários lá residiam: o Sr. Probst, os Landenstein, sogros do Sr. Acary, os Primm, dos outros não me recordo, mas fico na dúvida se os irmãos Kirsten e o Sr. Censi já moravam ali. Quando viemos para sermos também moradores da Ponta Aguda, em 1967, a ponte já tinha sido construída, a Ponta Aguda já tinha sido invadida por muita gente. Já eram meus conhecidos o Heinz Schwarz, o Jorge Weise, o Alex Schreiber, o Sr. Pera da Churrascaria Uruguai, o José Pera, o Cláudio Gaertner e a Clélia Ribeiro de Souza. Logo nos primeiros dias, ao conversar com um dos moradores meu conhecido, notei a preocupação com a construção de edifícios mais altos, pois iriam tirar o ar e a ventilação do bairro. Como o meu edifício era um dos mais novos e dos mais altos da época, por aquelas palavras, senti-me um estranho no ninho, como um intrujão que tivesse vindo perturbar a paz e a ordem pública do requintado lugar. Ainda mais, tendo vizinhos que nos olhavam como se fôssemos uma espécie nociva e inconveniente com quem se viam forçados a conviver.

Na frente de nosso prédio, do outro lado da Avenida Brasil, o prediozinho do Senac estava no meio de um imenso terreno. Na esquina da rua Bolívia, um muro enorme protegia de olhares curiosos a propriedade do Jan Rabe. Na rua Bolívia, do mesmo lado do nosso edifi-

cio, havia um terreno baldio e em seguida o quintal da mansão do Cláudio Gaertner, que ia até a esquina e avançava até quase a metade da quadra da rua Uruguai. Do outro lado da rua Bolívia, tinha uma casa na esquina, depois a casa de Dona Gerta Weise e na esquina com a rua Uruguai, a casa do Jorge Weise. Do lado do prédio, na Av. Brasil, o Leodato Barbieri e Dona Marlene tinham uma vendinha de secos e molhados e uma fábrica de balas. Lá adiante, na Avenida Brasil, ficava a casa da família Primm, tradicional no bairro. Geralmente fazíamos nossas compras no Minimercado Presidente, onde os irmãos Ademair e Friedl apresentavam um estoque de mercadorias bem sortido e um açougue.

Era, na época um bairro central, mas tranquilo, sem o trânsito maluco de agora. As crianças tinham uma caixa de areia no pátio para brincar sossegadamente. Nessa área de lazer, brincavam meus meninos e o filhinho dos Nebelung. Era separada da calçada com grade, mas como a entrada para as garagens tinha de permanecer aberta, deixava a possibilidade de saírem para a rua. Uma vez, era um dia feriado religioso. Maria Antônia ficou com os afazeres de casa, nossos dois meninos brincavam na caixa de areia. Fui à missa sozinho. De repente minha mulher olhou da área de serviço e não avistou as crianças. Desceu até lá e foi ver onde se encontravam. Perguntou aos que ali estavam e ninguém tinha visto os dois. Aí já bateu o desespero: foi andando pela rua Bolívia e Uruguai, perguntando se não tinham visto dois pequeninos, até que uma moça disse que os tinha visto atravessando a ponte para a cidade e que estavam parados olhando o rio através das colunas do parapeito. O menorzinho metia a cabeça entre elas para poder enxergar a água. Nesse momento eu já estava voltando e ao entrar na cabeceira da ponte, onde hoje é a pracinha do Moellmann, já avistei os dois fujões

já vindo além da metade da ponte. Ficaram alegrinhos de me ver e eu perguntei: "Aonde é que vocês vão?" "Vou levar o Eduardo para ver a vitrine de brinquedos do Prosdócimo" respondeu João Paulo. "Agora não. Vamos voltar!" disse eu e fui levando os dois pela mão para casa. Maria Antônia já vinha correndo na outra cabeceira da ponte e nos encontramos numa alegre reunião de família sobre a ponte.

Já maiorzinhos, os meninos podiam brincar com segurança nas calçadas. Isto, porém não era do agrado de alguns vizinhos, pois as bicicletas da guirizada sujavam de barro as calçadas que eram lavadas com mangueiras despejando litros de preciosa água religiosamente todas as sextas-feiras, mesmo que estivesse chovendo. Como os meninos nossos e os da vizinhança reuniam-se em grupos de oito a dez e faziam uma fileira de bicicletas a passar pelas calçadas, uma ocasião, depois de advertidos, a vizinha tirou a bicicleta do menorzinho e último da fila e a levou para sua casa. O menorzinho era meu filho Eduardo, que veio chorando e contando entre soluços que aquela mulher tinha roubado a bicicletinha. Minha mulher saiu furiosa e ia-se dirigindo à tal senhora, quando a mesma temendo pelas consequências, atirou o pequeno veículo bem no meio da rua e foi-se refugiar na casa do Jorge Weise. Cerca de uns doze anos mais tarde, esse mesmo meu filho ao passar na mesma calçada de bicicleta, foi advertido pelo proprietário para não passar por ali, sendo que o referido vizinho fez menção de confiscar-lhe a bicicleta. Levou um murro tão violento na cara que até hoje deve estar sentindo os efeitos. Telefonou-me depois, ofendido, exigindo desculpas. Respondi-lhe com a mesma grossura que a calçada é pública e que da próxima vez que tentasse se apropriar da bicicleta de meu filho iríamos resolver a pendência na Delegacia de Polícia. Não tive mais

problemas com tal senhor.

Logo de cara, a Incorporadora Ra-be me encarregou de ser o primeiro síndico e me impôs também o primeiro zelador e porteiro: o Sr. Henrique. Velho aposentado, não queria ser registrado em carteira e fazia do cubículo da privada de serviço, a sala de estar, sala de refeições, sua cozinha e consta que até conseguia dormir no recinto. Vivía implicando com meus meninos e não tolerava que alguém deixasse cair nada na garagem. Enfim tolerávamos suas esquisitices em respeito à sua idade avançada.

Aos poucos o prédio foi ficando pronto e os moradores vieram chegando. Na andar de cima do nosso o Sr. Teatino da Cunha Mello e família veio morar e como tinham dividido em dois o apartamento que era do tamanho do meu, existia mais um apartamento pequeno para onde veio um casal recém-casado, ele meu colega do Banco do Brasil, Dalvi Tomio, e sua jovem esposa, Lygia Helena Roussenq Neves, já uma brilhante e talentosa artista plástica. Na frente do nosso apartamento, no mesmo andar, veio morar o Hans Baumgarten, e Senhora, ele meu amigo e amigo de meu pai. No primeiro andar, vieram morar o Sr. Ary Wehmuth e Dona Aracy, mais o filho Rogério. Só bem mais tarde vieram o Sr. Aggeo Guerreiro e Senhora e o Dr. Caio e Dona Suely, com o filho Ricardo, para o apartamento térreo. Mais tarde o Sr. Teatino mudou-se e veio morar ali um Sr. Zimmermann, funcionário do Bradesco. O Sr. Baumgarten mudou-se também e veio ali morar Dona Irma Senra de Oliveira.

Durante minha gestão como síndico meus maiores problemas foram alguns meninos da vizinhança, de boa família, que vinham invadir nosso pátio e quando advertidos reagiam como verdadeiros marginais, me ofendendo e ofendendo Maria Antônia com palavras de baixo calão. Depois, mais tarde tive problemas com um filho de um morador do

último andar de onze ou doze anos que me afrontou e quis me bater. Logo depois, passei a sindicância ao Sr. Hans Baumgarten, que ficou até o dia em que se mudou e aí passou para a Elly Arndt. Agora preciso falar da nossa amiga Elly Arndt. Conhecemos a Elly em 1958 a 1960, quando morávamos no Edifício Deeke, à rua 15 de Novembro, 1405. Era governante, dama de companhia de Dona Gerta Weise. Proveniente do interior, de Lontras, perto de Rio do Sul, se não me engano, tinha sido enfermeira no Hospital daquela cidade. Naquele tempo, ainda entre os vinte e trinta anos, Elly era uma moça disposta, trabalhadeira e forte. Como tinha tempo livre, propôs-se a fazer serviços de arrumadeira e limpeza em nosso apartamento, à tarde. Mas a Elly era uma personalidade muito forte e ela acabou nos adotando não só como amigos, mas também como protegidos. Sempre ia nos visitar quando fomos para a rua Paraíba e ia trabalhar lá em casa um ou dois dias por semana. Depois, quando nos mudamos para a Velha Central ficou muito longe e como a Elly nos fez falta! Mesmo assim conseguia empregadas e babás para nós. Quando viemos para a Ponta Aguda, a Elly morava bem na frente de nosso apartamento à rua Bolívia. Já mais madura, a Elly engordou e ficou com um aspecto mais maternal. Agora, além de governante, dama de companhia e enfermeira, ainda era a motorista de Dona Gerta, levando a patroa em todo o lugar que fosse necessário. Voltou a nos ajudar na limpeza e arrumação de nossa casa. Depois que viemos para Curitiba, Dona Gerta faleceu e o Jorge Weise não quis ficar com a Elly. Foi indenizada com uma certa quantia e foi morar em Joinville com seus parentes, já que não casara, nem tivera filhos. Soubemos mais tarde, por uma carta que nos escreveu, que estava morando num daqueles conjuntos habitacionais distantes do centro. Fomos visitá-la uma

vez. A Elly já tinha deficiência visual e agora estava pior. Só nos reconheceu pela voz. Doente, nos últimos tempos, antes de Dona Gerta falecer com 90 anos a Elly com 60 já necessitava de mais cuidados do que a patroa. Dizia Dona Gerta: "Não posso mais ficar sozinha com a Elly na praia. Preciso cuidar dela." Nunca mais vimos a Elly, que sempre dizia que no dia em que Dona Gerta falecesse, viria morar conosco para tomar conta de nós. A Elly, nosso bom anjo da guarda estava, na ocasião, cansada e doente, não veio nos proteger. Se ainda estiver viva, gostaria que soubesse que nunca nos esquecemos dela. Se já tiver falecido, tenho certeza que seu lugar no céu há muito estava esperando por ela.

Nossos meninos cresciam como crianças de apartamento, mas havia bastante espaço para brincar. Tinha gente que me falava que o melhor seria ter uma casa. A oportunidade surgiu quando fui agraciado com um empréstimo imobiliário da Previ do Banco do Brasil. Ao invés de comprar um outro apartamento em Balneário Camboriú, no edifício Ipanema, de frente para o mar, como alguns dos contemplados fizeram, resolvi comprar ou construir em Blumenau, após ter visto muitas casas prontas e diversos terrenos em diversos bairros. Quis o destino que Maria Antônia descobrisse um terreno na mesma quadra, mas de frente para a rua Uruguai. Eram dois lotes quase planos, entre a casa do Humberto de Almeida e outra casinha de madeira. Era de propriedade do Sr. José Marques Vieira e o preço era 64 milhões de cruzeiros. Nunca que eu poderia conseguir tal quantia. Procurei, então, alguém para comprar em sociedade e dividir ao meio. Falei com meu sogro, nada. Procurei algum amigo de confiança, nada. Aí, então, procurei um colega e achei: Rolando Missfeldt, então meu chefe de setor.

Conseguimos pagar à vista por um preço menor que o mencionado. Este, talvez tenha sido meu segundo erro: não ter me sacrificado, emprestado dinheiro e comprado sozinho. O terreno ficou baldio um tempão ao lado do meu, até que o colega Missfeldt vendeu adiante e foi mudando de dono. A última proprietária de que eu tive notícia foi de Dona Ely Vianna, mãe do prefeito Renato Vianna. Marinheiro de primeira viagem caí no conto da empreitada, meu terceiro erro. A Construtora recebia o dinheiro e usava em outros compromissos. Resultado: a fornecedora das esquadrias nem chegou a receber o total do material fornecido. Meu irmão Rubio fez um lindo projeto, que ficou infelizmente abafado num terreno muito pequeno. Em 1972, no começo do ano, a construtora me entregou a obra pronta: o financiamento só deu para construir a casa. Para fazer o muro, calçada, nivelamento do terreno e jardim, tive que vender o apartamento do Edifício Karmann. Foi com dor no coração que vendi ao Guido Magnani, que me deu em pagamento uma casa na rua Piratuba, no Garcia, e a diferença em dinheiro. Era o suficiente. Pronto tudo, nos mudamos num dia de chuva grossa.

A casa tinha sido construída em dois pavimentos. No térreo, na frente, um salão de festas com uma porta grande de correr, que aberta aumentava a área útil ao dobro, incluindo uma área externa coberta. Logo em seguida o hall de entrada, um lavabo e a escada em concreto no meio da casa. Para trás, o banheiro e quarto de empregada e a lavanderia. Subindo a escada, chegava-se a um pequeno hall. À esquerda entrava-se na cozinha, à frente na sala de estar e à direita seguia-se para os dormitórios, o primeiro, o principal, com suite e mais três dormitórios, com o banheiro social entre o penúltimo e o último. Era uma casa grande, com mais de 300 metros quadrados. Com o zelo

de não sujar as paredes tão branquinhas e com as constantes advertências aos meninos para não as marcarem com mãos, boladas, etc., logo se aborreceram e o caçulinha Eduardo saiu-se com esta: "Eu gostava mais do apartamento."

Logo em seguida adquirimos cachorros conforme o gosto dos meninos. Veio primeiro um pequinês: o Ling. Depois o filho do Ling, Kiko, que ganhamos por uma cobertura. Veio depois o pretinho: Muki. Foi algum tempo até que tivemos que sacrificar o Ling. Demos o Kiko e o Muki. Vieram então as cachorras. A primeira foi a Zuleika, uma Dobermann com pedigree, elegante e de pernas finas. Por ter um latido muito forte, acabou envenenada por um vizinho que vivia envenenando gatos. O velho passou de assassino de gatos a assassino de cães de raça. Uns dias depois, o João Paulo apareceu com uma filhote de Boxer, tão pequenina que parecia apenas uma formiga grande. Era a Aline, que cresceu ficou linda e brincalhona. Compramos outra Dobermann preta, mais forte do que a anterior: chamava-se Elfi. Em seguida veio a Bruna, uma Pinscher pretinha, braba e nervozinha. Por fim veio uma mestiça de Schnauzer e Pequinês branca e desengonçada: a Pati. Quando viemos para Curitiba acabamos dando todas elas de presente.

Os meninos iam crescendo e, quando João Paulo fez dezoito anos, comprei um carro zero para ele: um Gol que infelizmente apresentou um defeito e tive que trocá-lo por um Fusca a álcool. Antes disso, sempre tínhamos o Opala amarelo e um carro pequeno, Chevette ou Fiat 147. Agora tínhamos três na garagem. Quando o Eduardo estava quase chegando aos dezoito, antecipamos o presente. Não queria, porém, um automóvel e lá veio uma moto Honda 400 para ele. Os meninos saíam de carro ou moto quase todas as noites e eu só começava a dormir quando escu-

tava o barulho dos portões se abrindo e as cachorras latindo quando eles retornavam. Não foram muitos os sustos que nos pregaram, mas os poucos foram de quase matar do coração: João Paulo caiu de cima da caixa de uma camionete em movimento no asfalto da BR 470 e Eduardo caiu de moto e afundou na lama de uma valeta que tinha sido aberta na rodovia Antonio Heil; fora as vezes em que vinha para casa esfolado vivo pelos tombos de moto e outra vez ainda em que quebrou o pulso direito. Não obstante, fazia sucesso ao passar empinando aquela enorme Honda 400 pela rua Uruguai, fazendo com que toda a rua saísse à janela para ver nosso guri passar.

Não estariam completas minhas reminiscências se não mencionasse alguém que deixou uma lembrança marcante em nossas vidas. Chama-se Maria Erotides Miranda, a nossa Tide, tão querida. Dentre as várias domésticas ou secretárias do lar, foi a que mais se sobressaiu. Veio depois de uma série de italianas de Nova Trento. Morena bem escura, alta, silueta esguia, rostinho bonito, chegava todos os dias bem cedinho, pois não queria dormir no emprego. Contava as novidades uma por uma ao pôr a mesa para o café matinal. Desincumbia-se de todas as tarefas domésticas sempre com um sorriso e tinha especial cuidado ao lidar com as quatro cachorras, que alimentava e dava banho, não escondendo sua predileção pela Elfi, a Dobermann preta, à qual se afeiçoou tanto que quando a Tide aparecia no canil a Dobermann ria, mostrando os dentes brancos, emitindo gríntinhos de prazer e sacudindo o rabo. E a Tide dava a sua explicação: "Ela gosta de mim porque nós duas somos pretas." E aí era a vez da Tide rir com seu sorriso branco. Reservei uma vez um lugar para a Tide no curso de manequim do Senac, mas ela recusou alegando que não era aquilo que ela queria. Estava cursando o segun-

do grau e me pedia auxílio nas traduções de inglês, uma vez ou outra. Terminava seu horário às 4 da tarde, tomava banho, se enfeitava e saía com sua toalete de cores fortes, mas combinando perfeitamente com sua pessoa, sua personalidade e temperamento. Chamava atenção por sua classe e beleza, parecia que quem estava saindo de nossa casa era a Rainha do Dahomey. Insistimos para que ela viesse conosco para Curitiba, pois para nós já era como uma filha. Não quis contrariar a vontade de sua avó e resolveu ficar em Blumenau. Encontramo-la como atendente numa Panificadora da rua São Paulo. Tinha casado e engordado um pouco, mas tinha uma linda filhinha. Recentemente, verificamos que a Panificadora havia sido fechada e em seu lugar funcionava uma loja de tintas. Perdemos o contacto com a nossa Tide. Por onde andarás com seu sorriso branco?

A rua Uruguai fica na parte alta da Ponta Aguda, sem ser no moiro. Mesmo na cota de 14 metros de enchente fica fora d'água. Na enchente de 1983, os vizinhos mais antigos contaram histórias tenebrosas de que na enchente de 1911 a água cobriu a rua Uruguai e numa correnteza vertiginosa sobre aquela planície, arrastava casas para dentro do rio. Confesso que fiquei preocupado, mas as águas ficaram longe. Só ficamos ilhados, sem luz, sem água potável, sem comida por dez dias. Quando as águas baixaram, achei que era tempo de interromper nossa estadia no famoso bairro da Ponta Aguda em Blumenau. Juntei algumas tralhas, meus livros, meus discos e vim com mulher e filhos, de mala e cuia para Curitiba. Como seria morar outra vez na minha cidade natal depois de 46 anos. Em 1937 era uma cidade de menos de 400 mil habitantes, mas para mim, criança de seis aninhos, ela se resumia numa quadra da rua Silva Jardim, entre a rua João Negrão e Marechal Floriano. Na João Negrão a

cidade acabava, pois era o fim do calçamento e para o lado norte o fim era a rua Buenos Aires, que eu não conhecia, só tinha ouvido falar. Agora uma capital com mais de um milhão de habitantes não me parecia tão humana, tão acolhedora. A Blumenau de meu tempo já não existia mais e achei que podia levar meus dois meninos para um centro maior, onde haveria mais oportunidades. Pois sim! João Paulo fez diversos vestibulares e só passou no da Furb e Eduardo ainda ficou um ano conosco em Curitiba, quando terminou o segundo grau. Depois também se arrancou para Blumenau. Ficamos nós dois sozinhos. Nessa altura, nossos filhos já se estabeleceram em Blumenau. João Paulo com banca de advogado no Edifício Catarinense e Eduardo vendendo o que ele sempre adorou: Motos Importadas. Nossos quatro netinhos de vez em quando vêm nos ver ou nós vamos para Balneário Camboriú, onde temos um pequeno apartamento e os levamos para lá passar uns dias conosco. Adoramos a bela praia que era o encanto de meu pai desde 1942 quando alugávamos uma casa em plena Avenida Central, no local onde hoje está estabelecido o Mac Donald's. Quase todos os meses dou uma chegada até lá, onde revejo antigos colegas, amigos de muitos anos e de onde dou uma chegada a Blumenau, que agora está toda agitada, borbulhante, o trânsito uma loucura, tão diferente de minha cidadezinha bucólica e sossegada de cinquenta anos atrás.

O menino, agora envelhecido, olha a paisagem em que se criou e sente um nó no peito. Tudo aquilo acabou, tudo mudou, tudo se transformou. Mas será que mudou mesmo? Nada disso, nada mudou na minha memória! Ninguém pode mudar as lembranças que ficaram, como escreve Cid Destefani na seção Nostalgia da Gazeta do Povo de hoje, 11 de fevereiro de 1996, um domingo cinza, prenunciando chuva.

Ruy Moreira da Costa

CRUZ E SOUSA

A obra instigante de Cruz e Sousa não cessa de provocar os críticos, sempre descobrindo novas facetas para tentar uma apreensão completa dessa poética que avulta como obra-prima universal. É o que acontece, por exemplo, com o recente ensaio de Cassiano Nunes, poeta, crítico, professor emérito da Universidade de Brasília, denominado «Cruz e Sousa e o mito do poeta como herói moral» (Roberval Editora — Brasília — 1996), onde estabelece uma nova teoria sobre nosso poeta, revelando minucioso conhecimento de sua celebrada obra.

Começa dizendo que, apesar de muito louvado, Cruz e Sousa «não é celebrado pelos motivos certos.» Segundo ele, o que dá excepcionalidade ao poeta conterrâneo é «o mito do poeta como herói moral, como vítima redentora, como mártir anunciador do triunfo geral da sociedade.» Em face disso, conclui que o poeta se vincula mais ao **titanismo romântico** e ao **Sturm und Drang** que ao simbolismo. «Defendo a idéia, — escreve o ensaísta — de que Cruz e Sousa, afinado pelo simbolismo e pela estética do impressionismo, movimentos que se fundiram e tinham de fato forte dívida com o romantismo, ascende e se sublima... numa espécie de depuramento do titanismo... e coincide às vezes com o titanista Souzaândrade, que é também um original, um isolado.»

Em abono de sua teoria, recorre às opiniões de grandes críticos, comparações com poetas consagrados e análises de seus poemas, inclusive das palavras-chave e «cristalizações», para concluir que «Cruz e Sousa, fundamentado em sugestões de mitologia e da literatura, cria o seu mito. Não lhe faltavam elementos em sua existência — a raça oprimida, a pobreza, a doença e a própria marginalidade de poeta, de gênio, numa sociedade filistina, — para encarnar, nos seus sonetos imortais, o poeta torturado com a sua mensagem redentora.»

A abordagem de Cassiano Nunes é curiosa e diferente, trazendo uma boa contribuição aos estudos sobre o Cisne Negro. Ela merece a atenção de seus aficcionados.

«SÓ MATÉRIA DO MUNDO»

Pouco conhecido no Estado, para onde está retornando, o catarinense Vicente Cechelero é mestrado em Letras, professor, tradutor, crítico literário e poeta, com larga experiência em São Paulo e no Exterior. Tem participação em diversas antologias e revistas de expressão, além da publicação do livro «Só Matéria do Mundo.»

Esse livro, que o autor não conseguiu publicar aqui, veio a lume com o selo da Editora Cortez, de São Paulo, em 1991. Tão logo circulou, mereceu os aplausos da mais rigorosa crítica e obteve o prêmio

APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) como o melhor livro brasileiro de poesia (1991), único na categoria em Santa Catarina. Recebeu mais tarde o prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras (1993), único até hoje em nosso Estado.

Críticos como Cláudio Willer, Oscar D'Ambrosio, Erlon José Paschoal, Araripe Coutinho, Samuel Penido, Carlos Menezes, Henrique L. Alves, Gilson Monteiro e muitos outros teceram sobre a poesia de Cechelero os maiores elogios. E Wilson Martins, em sua temida coluna de «O Estado de São Paulo», não regateou aplausos ao poeta, atitude bastante rara em suas apreciações. Afirmou o crítico ter descoberto em Cechelero «um autor que surge como extraordinária revelação e cuja obra pode sugerir novo aprendizado da própria leitura poética.»

LIVROS NOVOS

Foram lançados no período os seguintes livros: «O Poder Legislativo Catarinense, de suas raízes aos nossos dias (1834-1994)», de Walter F. Piazza, em segunda edição. História documentada e ilustrada do Legislativo, creio que a única completa existente, portanto referência obrigatória no assunto. *** «Insolvência Civil», de Edson Ubaldo (Editora Obra Jurídica — Florianópolis), abordando questões controvertidas no processo de quebra voluntária. Parece-me o único existente especificamente sobre o tema na literatura jurídica recente. *** «Meu Primeiro e Único Amor», romance de Rejane Ferreira de Souza, da cidade de Porto União. O livro é uma surpresa em nossa estante tão pobre no gênero. A autora escreve bem e sabe transmitir a emoção. *** «Blumenau, sua Cultura e as Histórias de sua Gente», de Edith Kormann, volume IV, com o qual a autora persiste na ambiciosa tarefa de colocar toda a vida do município numa só obra. E está conseguindo!

VARIADAS

A União Brasileira de Escritores (UBE), do Rio de Janeiro, concedeu ao escritor e editor Benedicto Luz e Silva a «Medalha Caio Prado Júnior», na categoria Editoração Cultural. É o reconhecimento da entidade pela fundação e direção da Editora do Escritor, que acaba de completar 25 anos de existência, e que publicou diversos autores de nosso Estado. A premiação é motivo de júbilo para todos nós que acompanhamos a luta incansável de Luz e Silva nesse quarto de século. *** Está na praça mais um número de «Ô Catarina!», repleto de artigos, crônicas, resenhas, poemas e comentários. O tema central é o pintor Victor Meirelles.

FOESIA, SEMPRE POESIA

Embora bem jovem, Thiago Menezes é estudioso de estrelas de nossa música popular, sobre as quais muito publicou, jornalista, autor de obras infantis e poeta. Reproduzimos aqui um de seus poemas:

SONHOS MORTOS

Não me pergunte de onde ressurjo!
Adormeço em sonhos e acordo chorando.
E meu coração vagueia como estrela apagada
perdido numa nuvem imensa
quando estou sem ti!
Minh'alma navega entre lágrimas,
— remando contra todas as rajadas —
que estão a sentir saudade
sem saber de quem.
É uma saudade perdida no horizonte
que brinca de passado
num céu azul sem dimensão.
As nuvens choram em lágrimas sentidas
todo o pranto chorado
como enxurrada de vencidas ilusões
sacudidas por sonhos destruídos.
Um corpo sem vida canta :
— Quisera ser fruto do próprio ventre!
Quisera aquecer em chamas que clamam ternura
como o amor que declina no crepúsculo,
velando, num funeral de saudade,
todos os murmúrios
de meus sonhos mortos...

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

Costumes italianos são conservados

Os imigrantes alemães e seus descendentes que se implantaram no Médio Vale do Itajaí-Açu procuraram preservar, com muito carinho e dedicação, as tradições dos seus ancestrais, dando um exemplo expressivo às demais etnias oriundas de países europeus, principalmente, à Itália. As diversas atividades econômicas dos alemães impulsionaram o progresso de sua região, nascendo a sua prosperidade, essencialmente, do setor industrial e da pecuária e, posterior-

mente, do comércio. Deve-se reverenciar o trabalho dos germânicos que preservaram e cultuaram os costumes, cujos ancestrais, os trouxeram do seu país de origem. A Oktoberfest dá-nos mostras de tradições alemães, de um turismo vibrante, exemplo de um povo abnegado e dedicado, sobretudo, alegre e acolhedor.

Os italianos, lombardos e vênets e boa parcela de imigrantes paduanos e trentinos que se instalaram em Ascurra,

nô terceiro quartel do século passado, precisamente, cinco lustros após a vinda dos germânicos, possuíam um nível cultural bastante rudimentar em relação ao grau de instrução dos alemães, e pouco puderam desenvolver sua agricultura, em razão de possuírem poucos conhecimentos sobre ela, e quase nada, referente à outras atividades. Era simplesmente gente humilde, porém, de um espírito forte e corajoso. A falta de meios, sobretudo, pecuniários, privou-os da possibilidade de desenvolverem-se economicamente num espaço de tempo de seis décadas, após à sua implantação. A despeito de todas essas dificuldades ou da situação precária em que viviam, procuraram preservar os costumes e cuidaram, sobretudo, das raízes. O italiano dialetal, ainda hoje é falado no seio familiar, raízes essas, que distinguem um brasileiro de um italiano, ou mesmo, de um alemão.

Ascurra, o seu povo ainda radicalmente apegado às suas tradições, seguindo com entusiasmo os belos exemplos dos germânicos, empolgou, aproximadamente, trinta mil visitantes, oriundos das mais diversas regiões, e de várias etnias, com o lançamento da primeira edição da festa italiana denominada, PER TUTTI, (para todos) em agosto, oferecendo-lhes músicas italianas, danças folclóricas, entoando canções italianas centenárias e, em especial a grande variedade gastronômica típica, desfile de carros alegóricos, agradando sobremaneira os seus promotores e autoridades do município. Os italianos de Ascurra mostraram a sua cidade e os seus bairros hospitaleiros e acolhedores e, sobretudo, alegres e atraentes provando que tem história e que também conservam os costumes. E tudo isso devem à tradição religiosa, que lhes deu energia e coragem, mantendo unidas suas famílias. E seus descendentes permaneceram fiéis aos mandamentos e o pouco que sabiam e o que aprenderam posteriormente, o puseram em prática. A pre-

sença, naquele tempo, de uma escola ou de uma Capela no povoado valorizava o lugar a dava prestígio aos moradores das vizinhanças e passava a ser a expressão mais visível. As manifestações de culto e devoções dos italianos eram sempre impregnadas de alegria, características típicas da própria cultura italiana. E, aos poucos, expandiu-se a vida social pelo espaço geográfico circundante. Podemos, entretanto afirmar, que durante décadas, eles sofreram o isolamento cultural motivado pela distância que os separava dos centros populacionais existentes e, com ineficiência de recursos, não podiam alcançá-los, senão, numa caminhada cansativa de um dia. Encontravam-se privados de meios até para comprarem suas roupas. Em 20.05.1920 o Conde de Bosdari, Embaixador da Itália, no Brasil, em visita aos imigrantes italianos estabelecidos em Ascurra ficou impressionado com o pequeno nível de instrução e pobreza dos seus compatriotas. Entretanto, da terceira década deste século em diante, graças à Congregação Salesiana e aos centros mais desenvolvidos, ou seja, Blumenau, Timbó e Indaial, os mais próximos, enriqueceram de conhecimentos gerais os habitantes desses pequenos lugares e ajudaram, direta ou indiretamente, a impulsionar o progresso que se encontrava demasiado lento, em relação aos dos municípios da região. A partir de então, o nível cultural subiu admiravelmente. De seis lustros para cá, apreciamos com euforia jovens colando grau de formatura universitária. E os descendentes de italianos de Ascurra continuam defendendo o patrimônio de um passado distante, conservando costumes e cuidando das raízes que significam as tradições, onde é apoiada nossa vida cultural. É necessário que continuemos a cultivar e manter os laços de uma grande fraternidade e procurar honrar as tradições gloriosas de nossos ancestrais amando, sobretudo, o trabalho, a ordem e a disciplina.

A Confeitaria Tönjes da Frisia para Blumenau e a Rua 15

(Werner Henrique Tönjes)

V Parte

(Conclusão)

No lado esquerdo: Armazém Ruediger, Rua Dr. Amadeu da Luz, Carlos Hoepcke, Francisco dos Anjos, Panificadora Greuel, Walter Schmidt (sucedido pelos Nebelung), Cine Bar, Cine Blumenau, Hans Raun — o primeiro laboratório fotográfico de revelações coloridas da cidade, Posto de Gasolina Arlindo Soutinho, Farmácia Luis Medeiros, Fotógrafo Baumgarten, Loja de Tecidos Eva Sievert, Rischbieter, Residência da viúva Dona Emma Deeke, esposa de José Deeke. Denominou-se Dona Emma, uma localidade em sua homenagem; Cascaes, Ótica Heusi desde 1954, Casa Caça e Pesca de Jaci Campos, depois, de Willy Mischur a partir de 1957, Engenheiro Leyen — projetista da ponte Adolfo Konder, Rua Namy Deeke, Lojas Renner de Raul Deeke, Olav Lorenz Brodersen, T.C. Gomes, Família Enders ecônomo. Rua J. F. Kennedy, Petersen. A Sra. Ursula Krueger, uma das filhas do comerciante Pettersen costumava fazer compras com jipe importado logo após a Guerra e era admirada pela destreza com que subia os degraus do veículo e sua habilidade em dirigi-lo. Foi uma das primeiras mulheres a dirigir jipe e quando ia ao Kaffeekraenzschen (rodinha de café) no Tönjes, buscava suas convidadas e amigas com o veículo e essas usavam um guarda-pó de proteção devido ao estado das ruas não pavimentadas dos arredores da cidade. Em seguida, Representações Lachinsky, Contabilidade Schead do Demétrio e do Aziz. Meu pai, Henrique, costumava rifar anualmente uma cesta natalina. Três anos consecutivos, Demétrio ganhou esta cesta — a reclamação foi geral e a alternativa foi parar de rifar. Demétrio era campeão de xadrez tendo escrito várias obras sobre o assunto. Saberá ele jogar com os números da rifa? Até hoje ninguém teve tanta sorte como ele... Ainda, Clínica de Olhos

Dr. Heusi, Caixa Econômica, Martinho Cardoso da Veiga, Ana Maria Asseburg (a Ana dos gatos), Claudio Gaertner, Representações Stodieck, Schadrack, Banco Nacional do Comércio, Guimarães, Entrada do Colégio Santo Antônio, Casimira Nobis de André Martins, Loja Carlos, Michels, Lojas Brueckheimer, Salão Moderno do Harry Krepsky, Posto Jensen de Laticínios, Loja Wagner, Bazar Blumenauense — desde 1959 hoje Casa das Bolsas, Artur e Olga Ramos Seguros, Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo, Ponto de carros de mola da Rua Pe. Jacobs, Paulo Freygang, Magazine Paulista, com seu restaurante no sub-solo, Curt Kreuz — primeira fábrica de guarda-chuvas e sombrinhas do Estado, Camisaria Gelhardt, Domingos Borba — a primeira casa especializada em venda de tecidos femininos na cidade, o proprietário trazia e levava os clientes de carro à estação de trem; aos finais de semana, apreciava o movimento da Rua XV sentado em cadeiras de vime na calçada. A Sra. Borba continua atualmente como lojista representando a velha guarda comercial blumenauense, exemplo de tenacidade e amor à profissão. Depois, Max Becker, Rua Capitão Euclides de Castro, Krassigk, Comercial Grossenbacher (depois Varandão e hoje BRADESCO), Rua Paul Hering, Livraria Blumenauense — onde no 1º. andar era a sede do Consulado Alemão, cônsules Koch e Lindig, Casa Husadel, Hauer, Comercial Brandes e Reinert, Delphy Hotel, Loja Steinbach com seu modesto balcão e degraus de acesso à loja de madeira — o Erich e sua Sra. diariamente faziam seu passeio obrigatório pela Rua XV à noite. Rua Caetano Deeke, Kander, Lojas Paul, Bazar Fuchs — um dos primeiros de Blumenau, onde os olhos infantis se maravilhavam vendo o mundo encantado dos brinquedos expostos na vitrine, Alfaiataria Kellermann, Freytag

Exportadora e Importadora, Mútua Catari-nense, Döring — o 1º. corretor de Imó-veis da cidade e o 3º. do Estado, Calça-dos Vetterle, Café Expresso do Blisner, do Eimer e do Bertoldo Goebel. O Ber-toldo tinha dois bons "garfos" — o pro-fessor Germano Suesseger de Weingarten e o secretário do colégio Santo Antônio, Pult. Nos finais de semana, os dois ami-çíssimos encontravam-se no local e cada um, dentro de suas possibilidades finan-ceiras, fazia o seu pedido ao garçon, mui-tas vezes sentados à mesma mesa. O pro-fessor: "Me dê um filé mignon mal passa-do com fritas, arroz e maionese." O se-cretário: "Me dê um bolinho de carne." Algum tempo depois, o Germano dizia: "Me traga um frango assado com salada." O Pult: "Me dê uma coxinha empanada." E assim, a batalha desigual continuava com o secretário Pult sempre pedindo mais pão até que estivesse satisfeito exa-tamente dentro de suas possibilidades econômicas. Olhando sempre em sua car-teira de dinheiro, Pult calculava matema-ticamente quantas fatias de pão ainda po-dia consumir, enquanto que o professor de matemática Germano, jamais fazia con-tas do que podia gastar. Depois vinha a Farmácia Glória, Casa Peiter, Travessa 4 de Fevereiro, Bar Pingüim — o ponto de encontro dos intelectuais e homens de negócio e onde se fazia o primeiro café zinho com máquina a vapor italiana, a LA CREMA, Casa do Americano — fundada por Freshel, Frederico Buch Jr. — pro-prietário do 1º. cinema de Blumenau e do 1º veículo com motor a explosão e pre-feito da cidade, Posto de Gasolina, Rua Nereu Ramos, Casa Capital, PRC-4 Rádio Clube de Blumenau — a mais antiga do Estado, Casa Meyer Bordados, Casa Kieckbusch, Alameda Rio Branco, Hotel

Holetz, Ponte, Prefeitura Velha, Schrader, Alameda Duque de Caxias, Supermercado Carlos Koffke, — o 1º. de Blumenau, on-de não havia embalagens e estas eram feitas de jornais usados com tesoura e cola, no princípio. Tudo era pesado e en-pacotado no local. A economia pretendida na mão de obra atendente foi anulada, pois o mesmo número de funcionários era necessário para o serviço interno da loja, cuidando das embalagens. Em segui-da vinha a residência do Sachleben, um dos mais antigos e importantes comer-ciantes, sócio da Cia. de Navegação Blu-menau e Itajaí, depois herdeiros Grossem-bacher. O Banco Nacional tinha sua agên-cia ao lado, depois Distribuidora Catari-nense de Tecidos de Ernesto Stodieck tra-balhador incansável responsável pelo soer-guimento da Empresa Industrial Garcia que ninguém queria comprar. O Ernesto hoje com 88 anos dirige seu próprio car-ro e é exemplo de blumenauense incansá-vel em seu trabalho até os dias de hoje. Ao lado da Distribuidora havia o Weber e fechando a rua ou começando a mesma o consultório do Dr. Pate.

Muitas residências antigas foram de-molidas e em seus lugares foram cons-truídas novas ruas e transversais, interli-gando-se ao centro. Nos anos 60, Henri-que costumava importar sorvetes Kibon de São Paulo por via aérea, o que era um requinte. Registro aqui a presença do garçom profissional Zenildo dos Santos. Nos anos 70, tivemos a visita do prefeito de Blumenau da Alemanha, Herr Wilhelm Wegener e o Intendente da Deutsche Wel-le, Werner Baader. Anota-se aqui a pre-sença da cozinheira profissional Rosália Rode. Em 1974, a velha Varanda foi demo-lida. Não havia mais vista para o rio. A avenida existia¹⁴. Uma nova construção

14 A construção da Avenida Castelo Branco teve início quando barcas transporta-ram pedras de variados tamanhos que eram jogadas dentro d'água perto da margem até que aparecessem na superfície formando uma base sólida desde o fundo do rio, que em certos trechos era de 12 metros de profundidade. Informações colhidas de um barqueiro e filmagens do autor no local. Em uma ocasião em meio a arbustos situados atrás do Hotel São José, reconheci o eminente registrador dos fatos blume-nauense, Sr. Willy Sievert, de posse de sua filmadora gravando os acontecimentos que se desenrolavam na Beira-Rio.

com fachada típica ocupou o antigo espaço da Varanda e a Confeitaria transferiu-se para o 1º andar com atendimento de balcão no térreo. Era o tempo de trabalho da diligente funcionária Alida Deola. No dia 02.09.74 os despojos do Dr. Blumenau, num dia de tempo instável, foram transportados em cima de um carro de bombeiros acompanhados por uma banda escocesa de colégio de Petrópolis desfilando pela Rua XV até o Mausoléu, onde repousam. Algumas pessoas comentaram que agora o Dr. Blumenau participava **post mortem e in loco** junto com os descendentes dos primeiros imigrantes das alegrias e também das tristezas quando das inundações periódicas do rio ao invés de tranqüilo repouso em sua pátria natal. Na gestão do prefeito Theiss as palavras do Dr. Blumenau pedindo para deixar aqui suas cinzas, conforme carta a D. Pedro II, foram concretizadas no ano em que se festejava 150 anos de emigração alemã para o Brasil. Houve o caso de um industrial alemão de Tübingen, Sr. Erwin G. K. Wolff encontrar o seu técnico de manutenção em máquina injetora de plástico, 5 anos após sair da Alemanha em 1974 no Café, para surpresa de ambos, o que queria dizer, que alguns caminhos, um dia, levavam as pessoas ao Tönjes em Blumenau. O industrial Walter Werner e sua esposa Kaete Werner hoje com 94 anos, saudosa, lembra-se dos Berliner Pfannkuchen (Sonhos Berlineses) e os Streuselkuchen (Doces de Farofa). A Dona Kaete não podia imaginar que, quando jovem, retornando de uma estadia na Alemanha em 1924, tivesse como companhia no vapor Galícia uma família de imigrantes frísios que, mais tarde na Confeitaria, a serviria com os gostosos doces lembrados. Outros clientes foram Paul Werner e Bernardo Werner e os Konradt. Uma visita honrosa foi a de Gertrud e Hermann Blumenau, netos do fundador, acompanhados pelo cônsul honorário Sr. Prayon em 19.09.75. Nesta

ocasião saborearam o chá de rosas silvestres à moda da Frísia acompanhado da torta de cerejas da floresta negra "Schwarzwaelder Kirschtorte" e o "Apfelstrudel mit Schlagsahne", torta de maçã com chantilly.

Os doces têm um simbolismo. A torta de morango representa as cores imperiais inglesas, a da floresta negra, as cores imperiais alemãs, o folheado de creme, homenageia Napoleão Bonaparte após a Batalha de Austerlitz (Napoleonschnitte) quando entrou em Viena. O folheado Marie Louise é mil folhas de creme com chocolate nas bordas e geléia de morango, homenageando a princesa da Casa Habsburg. A torta Bismarck é a torta metade queijo branco e metade queijo achocolatado, representando as cores preto e branco da Prússia. Após a Batalha de Sedã, quando houve a rendição do imperador Napoleão III, este entregou a espada imperial ao Kaiser Guilherme. Na conversa que se seguiu durante a tarde, Bismarck flagrou o Kaiser repassando a receita do creme chantilly ao imperador francês. O canudo folheado foi feito em homenagem ao poeta Schiller (Schillerlocken). Os sonhos têm formato de balas antigas de canhão e o Estilhaço de Granada "Granatsplitter" é feito de sobras de tortas embebidas com rum e passas. O Schlotfeger significa vassoura de chaminé. Os primeiros cafés na Europa estabeleceram-se na Áustria. A bebida foi deixada ainda quente dentro das barracas pelos turcos comandados por Kará Mustafá em sua retirada após a derrota infligida no cerco de Viena em setembro de 1683. O polonês Kolschitzky, como agradecimento ao seu desempenho militar obteve a concessão real para a comercialização do café, usada pelos turcos durante vigília militar noturna. A Confeitaria Tönjes também fornecia um pão de centeio especial aos seus clientes que quisessem emagrecer. Recordo-me da visita do sobrinho J. Paes de

Almolda em 1976 identificando emocionado a assinatura do seu tio, Ex-Ministro de Finanças do Governo J.K., em 18.09.64 no livro de visitantes. Em 16.01.77, assinaram o General Syzeno Sarnento e o Comandante Newton Machado Vieira por ocasião da visita ao colégio Santo Antônio em comemoração ao centenário deste. Na Alemanha, o jornal de Wilhelmshaven escreveu na folha 10 de 24.12.82: "Os Tönjes residem na frente de um canal (o rio Itajaí-Açu), lá existe um dique (a Avenida Beira Rio), e a ponte da estrada de ferro em Blumenau é como a nossa Kaiser Wilhelm em Wilhelmshaven, isto, com um pouco de imaginação."

Na Rua XV, um dos mais antigos "dinossauros" ainda continuava trabalhando e mantendo firme o seu horário de trabalho até recentemente. Era o Senhor Freytag da Casa das Louças. Ele viu gerações passarem e, impávido, resistiu às mudanças do seu balcão de vendas. Era o último comerciante da velha guarda, juntamente com o Sr. Willy Sievert. Nos últimos anos, a Rua XV teve de se adaptar à nova situação econômica no país com o advento dos shopping centers. As grandes lojas se fracionaram em várias pequenas dentro do mesmo espaço físico. Em final de junho de 1995, o Sr. Freytag faleceu. Deixando para trás o exemplo da tenacidade na direção de sua firma que dirigiu até o final de sua vida. Em maio de 1979, pesquisa efetuada sobre Preferência e Simpatia Pública pela POLLUX AGENTES DE PESQUISA, a CONFEITARIA TÖNJES obteve a DISTINÇÃO PÚBLICA DE BLUMENAU. A classificação da Revista Quatros Rodas foi: "Boa cozinha e ótimos doces". No final do ano, por decisão do proprietário, foi dada baixa na Firma. Na-

quele tempo, Werner Henrique era auxiliado pelos seus dois filhos CLAUS e WERNER. Em seu lugar assumiu o Restaurante e Confeitaria Blumenthal até 1985, quando encerrou as atividades. Naquela época, a Confeitaria Tönjes tinha renome internacional e padrão compatível ao da Alemanha. A Confeitaria externa sua gratidão a tantos quantos a frequentaram, participando de uma época que deixou saudades e jamais retornante. Uma curiosidade: dos dois últimos postes de madeira sucaraúva que servia a iluminação da XV nos anos 20 e 30, foi encontrado pelo autor dentro do rio e perto da margem na altura do atual Edifício Mauá e hoje se encontra de posse do Museu, sendo noticiado pelo JSC em 23.06.89. No ano de 1993, uma reportagem da Deutsche Welle, televisão alemã, entrevistou uma das importantes forças motoras do progresso de Blumenau — a Cia. Hering. E nesta ocasião também filmou a antiga casa enxaimel na Rua XV 962, com o seu balcão e quatro duendes até a Casa Moellmann no programa "Deutsche Spuren im Ausland" (pistas alemãs no exterior), reapresentadas novamente em outubro de 1995. Em 1994, turistas perguntavam onde era aquela confeitaria que tinha uma exposição de relógios antigos, armadura medieval, tocava música típica alemã, com terraço e sombrinhas coloridas onde se serviam os famosos doces e as refeições típicas...

Pela colaboração, são agradecidas todas as pessoas que prestaram informações e auxiliaram nestas pesquisas, em especial à Diretora do Museu Histórico, Mestra Sueli Petry, ao analista de sistemas Fernando Deola, à digitadora Kátia Fronza, ao Sr. José Gonçalves e à estrutura que tornou possível a publicação destas memórias.

ERRATA : Edição nº. 3, março

Página 71 — O proprietário da Casa Caça e Pesca tem 71 (setenta e um) anos.
Página 73 — Alfredo Wilhelm, Cônsul da extinta DDR, ex-Alemanha Oriental.

João Medeiros Júnior

Armando Luiz Medeiros

Como o pai, João José de Souza Medeiros Jr., mais conhecido como João Medeiros Júnior, não nasceu em Blumenau, mas foi um grande blumenauense.

Veio ao mundo em Desterro (Florianópolis) a 11 de fevereiro 1893, durante a tragédia que lacerava o sul do país, da qual o ato final veio a ser a repressão comandada pelo sanguinário Moreira César, de tão triste memória.

João foi o segundo filho do capitão revolucionário João Medeiros, mais tarde afamado farmacêutico em nossa cidade, e de sua mulher, Dona Adélia Cardoso Medeiros. João fazia parte de uma linhagem açoriana que passava por João Tomaz de Oliveira, juiz de direito em Laguna e membro do legislativo da República Catarinense de 1839, e pelo pirata espanhol Francisco Córdis, que teria desaparecido ao deixar a casa para enterrar as sobras de suas pilhagens.

Com a derrota da revolução, João Medeiros, o pai, teve que fugir para a Capital Federal para escapar à fúria da repressão, deixando mulher e três pequenos em Laguna. Do Rio, acabou fixando-se em Itu, São Paulo, onde abriu uma farmácia. A família acabou por juntar-se a ele em 1895, lá permanecendo por dez anos.

O pequeno João foi deixado em Santa Catarina, sob os cuidados dos avós. Fez seus primeiros estudos na escola do próprio avô, o professor Balduino Antônio da Silva Cardoso, completando sua

instrução formal no Colégio Catarinense, onde foi aluno do padre Jaime Câmara, futuro Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

Sua grande erudição provinha, no entanto, de uma formação essencialmente autodidata. Durante toda a vida, sua leitura de cabeceira era constituída por livros especializados sobre os muitos assuntos por que se interessava. Foi assim que veio a receber o título de Contador Provisionado, concedido pela Superintendência de Ensino Comercial da República. Foi assim que veio a exercer funções de consultoria jurídica, como quando foi solicitado a escrever os estatutos da Casa do Americano que se constituía em sociedade anônima.

Sua vida profissional começou muito cedo. Jovem ainda, trabalhou na firma de Eduardo Horn, onde se iniciou nas artes do comércio, como viajante encarregado de cobranças e pagamentos, cargo que o levou a efetuar inúmeras viagens a cavalo pelo interior do Estado, sempre acompanhado de um segurança armado. Passou pela contabilidade da Empresa e pouco depois foi o gerente de Horn na Laguna de seu pai.

Já de volta a Florianópolis, foi convidado pela Empresa Industrial Garcia, de Blumenau, a estabelecer-se em nossa cidade. Tendo começado como Chefe da Contabilidade, foi Diretor Sub-Gerente de 1924 a 1931 e Diretor Gerente de 1931 a 1940.

Empresário de grande visão,

em 1938 fez com que se processasse um maciço investimento na Empresa, dotando-a de moderna fiação, decisão que lhe causou enormes dissabores com os acionistas — a certeza da vitória da Alemanha na conflagração que se avizinhava fazia aconselhável atrasar os investimentos, argumentavam estes — e acabou provocando sua saída da direção. O futuro provou seu acerto; foi graças à recém implantada fiação que a Empresa se manteve competitiva e pôde até mesmo fornecer fio de algodão para muitas outras tecelagens da região.

Em 1940 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi o representante comercial da Garcia por mais de 30 anos.

João Medeiros foi homem de grande atividade social e desportiva. Foi fundador e grande incentivador do Amazonas E.C., o clube da esquadra azul e branca, formado pelos empregados da Empresa, de tantas vitórias em nosso futebol. Dos sócios e diretores do clube teve ocasião de receber várias manifestações de carinho e estima, culminando com um título de sócio benemérito, do qual muito se orgulhava. Foi também sócio da Sociedade Desportiva Blumenauense que mais tarde deu origem ao G.E. Olímpico.

João Medeiros foi também o primeiro radioamador licenciado em Santa Catarina, começando suas operações já em 1925, tendo sido por quinze anos o principal elo de comunicação de Blumenau com o Brasil e com o mundo, numa época em que não havia serviço telefônico de longa distância e

o próprio telégrafo era ainda bastante precário. (1)

Esta atividade de comunicação deu origem a seu trabalho em rádio difusão, quando em 1935, depois de um período experimental de dois anos, colocou no ar em caráter definitivo a primeira emissora de rádio no Estado, a PRC-4, Rádio Clube de Blumenau, uma das pioneiras no Brasil, com estúdios na atual Travessa Capitão Euclides de Castro e transmissores instalados em terreno alugado a valor simbólico no morro pertencente ao Convento Franciscano. O futuro prefeito e historiador José Ferreira da Silva, fundador deste periódico, e Manoel Pereira Júnior foram seus grandes colaboradores e sustentáculos do funcionamento da estação em seus primeiros anos. A emissora se constituía em uma entidade de propriedade coletiva, com finalidade unicamente cultural, um verdadeiro clube com ações subscritas e integralizadas pelos próprios ouvintes — costume típico da época inicial do rádio e origem de todas as «rádio clubes» de nosso país — de onde João Medeiros jamais tirou qualquer benefício material. A emissora foi posteriormente transformada em empresa por pessoas que, com menos escrúpulos que seu fundador, arrecadaram a valor simbólico os títulos em poder do público.

Apesar de ter sempre tomado uma posição moderada na política — talvez até por isso mesmo — depois da revolução de 1930 foi escolhido membro do Conselho Consultivo do Município (a Câmara Municipal de então) em dois go-

(1) Mais detalhes sobre estas atividades foram descritos em "Pioneiros do Radioamadorismo em Blumenau" no número de março de 1992 desta revista.

vernos, e nomeado Suplente do Juiz de Direito. Por toda a década, exerceu ainda um verdadeiro papel de «Relações Públicas» da Prefeitura, tanto por sua capacidade de comunicação como por sua imponente figura. Quando o Presidente Getúlio Vargas visitou a cidade, foi João Medeiros quem a seu lado desfilou em carro aberto pela Rua Quinze...

João Medeiros Jr. foi casado com Clara Mendel, com quem teve quatro filhos: Newton, oficial do Exército, Moacyr, seu braço direito nas atividades comerciais, Mário, engenheiro e Esther («Baby»). Desfeito o casamento, passou a vida dedicado à sua segunda esposa, Paula Hadlich, que ainda hoje mora no Rio de Janeiro.

Seu espírito permaneceu sempre jovem. Quem o conheceu, certamente conheceu também suas brincadeiras. Enquanto ainda no Colégio foi co-autor de traquinagens as mais diversas, como quando sua turma incendiou os colchões do dormitório, quase dando início a um grave incêndio, ou quando em certa ocasião soltou os arreios da sela do cavalo do Diretor durante um passeio à Lagoa da Conceição, e, na subida da serra o pobre Padre Jaime foi escorregando, até cair do cavalo com sela e tudo... Durante seus tempos de gerente de Horn em Laguna, era também editor de um jornalzinho local; certa vez, por falta de notícia relevante, publicou em manchete alarmantes informações de que, «segundo rumores não confirmados, teria caído um bode na caixa d'água da cidade...»; como con-

sequência, formou-se quase uma revolta popular contra a Prefeitura, que, por sua vez, exigia a divulgação da origem da notícia, mantida reservada e declarada «segredo de imprensa» pelo editor...

Muitos foram os «trotes» por ele ministrados pelo rádio, como no dia em que a Rádio Clube anunciou a chegada de um avião que, às tantas da tarde, iria pousar na pequena pista da Itoupava Seca, evento raro, mas que dessa vez não ocorreu na data anunciada, decepcionando um sem número de curiosos que para lá se haviam deslocado para ver o esperado aeroplano, mobilizados pelo anúncio... Doutra feita, a emissora anunciou uma demonstração de força por um elefante do circo que estava na cidade, que, em hora aprazada, arrancaria uma árvore do Jardim Municipal, em frente à Prefeitura, anúncio que juntou uma imensa multidão de curiosos, para ver tal pouco ecológico espetáculo. Em ambos os casos, Medeiros estava discretamente presente para zombar daqueles que não se haviam lembrado da data de ambas as brincadeiras: primeiro de abril...

Durante seus anos de Rio de Janeiro, suas vindas a Blumenau faziam sempre a alegria de irmãos, sobrinhos, muitos amigos e da comunidade de radioamadores.

Conservando até o fim este espírito jovem, faleceu a 27 de novembro de 1970, quando um fulminante infarto destruiu seu imenso coração. Deixou apenas amigos, pois não tinha inimigos nem sabia guardar rancores.

— DIA 1º — A imprensa destaca o edital do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem — DNER — de concorrência para execução da primeira etapa da duplicação da BR-101 — trecho compreendido entre a divisa com Paraná até Florianópolis. *** É destaque também a solenidade de transferência de comando do 23º Batalhão de Infantaria. Deixou o comando o Tte. Cel. Paulo Roberto Peixoto de Andrade e assumiu o Tte. Cel. Manuel Márcio Gastão. A solenidade foi prestigiada por autoridades civis e representantes da comunidade. *** É registrado o estrago causado por fortes chuvas, seguidas de violenta enxurrada, ocorrido no dia anterior no bairro Fidelis, com queda de muros e de algumas árvores, além de um poste. Felizmente não houve vítimas.

DIA 04 — É destaque no noticiário o fato de Blumenau ter atingido 35 dias sem haver acontecido nenhuma morte por acidentes de trânsito.

— DIA 06 — O vão da ponte Tamarindo, que avançava sobre a rua 2 de Setembro, na Itoupava Norte, ligando esta à rua São Paulo, desmoronou, felizmente não causando vítimas. A ocorrência aconteceu às 21:30 horas. *** O Prefeito Renato Vianna lançou o nome de seu Secretário de Finanças, Dalirio Beber, para candidatar-se ao cargo de prefeito nas próximas eleições.

— DIA 09 — A imprensa dá destaque à garantia do dinheiro necessário, feita pelo governo do Estado, para a aplicação em melhorias a serem introduzidas nos serviços técnicos do aeroporto "Quero-Quero", de Itoupava Central, Blumenau. *** A agência do BESC, localizada no bairro Garcia, foi assaltada, tendo os ladrões roubado R\$ 3.400,00.

— DIA 10 — Com um culto ecumênico muito concorrido, foi encerrado o Seminário de Música Sacra, organizado pela Segunda Região Eclesiástica da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O encontro aconteceu na Paróquia Evangélica Luterana do centro e reuniu 106 pessoas, procedentes dos três Estados do Sul. O Seminário aconteceu em Rodeio, de 8 a 10.

— DIA 15 — É destaque na edição do Jornal de Santa Catarina a informação de que Blumenau alcançou record na guerra contra a cárie, segundo levantamento feito em todas as escolas públicas do município, realizada pela Divisão de Odontologia da Secretaria de Saúde. *** Foi aberta no Shopping Neumarkt, exposição de arte em cerâmica, com trabalhos das artistas plásticas Maria Edith Poerner, Flávia Valentim e Bárbara Weiser.

DIA 16 — Estreou em Blumenau, com a presença de numeroso público, o afamado Circo Orlando Orfei, que por esta cidade já havia se apresentado em anos anteriores. *** O aposentado Alceu Frances, de 49 anos, fez valente intervenção num roubo que ocorria na agência do BESC, no bairro da Velha. Ele afugentou os ladrões e recuperou o dinheiro roubado, de R\$ 26.000,00. *** É destaque a notícia da aquisição, pelo Aero Clube de Blumenau, de um novo avião de treinamento, um monomotor EMB 711-C, categoria "Corisco". *** A Escola de Música do Teatro Carlos

Gomes comemorou seus 25 anos de atividades e bons serviços, elaborando vasto programa para cumprir ao longo de alguns meses.

— DIA 20 — Estatísticas publicadas pela imprensa, indicam que no final da semana de carnaval, a violência no trânsito nas rodovias catarinenses, causou 106 acidentes, envolvendo nada menos do que 199 carros. Destes acidentes, ocorreram quinze mortes, resultando ainda em setenta feridos.

— DIA 23 — Segundo declarações procedentes do COMEN — Conselho Municipal de Entorpecentes — à imprensa, cerca de 200 (duzentos) menores estão sendo usados em Blumenau por quadrilhas, para vender tóxicos nas ruas de Blumenau. Segundo ainda as informações prestadas, o tráfico é mais intenso no bairro do Garcia.

— DIA 28 — Minipeça de teatro Lambe-Lambe percorreu vários locais da cidade, fazendo belíssimas apresentações ao público e recebendo, merecidamente, fartos aplausos da população. Uma excelente iniciativa que deverá ser repêtida frequentemente.

Curiosidades de uma Época - XLI

ENGENHEIROS EM BLUMENAU

S..C. Wahle

1995

No Brasil a regulamentação das profissões foi estabelecida no início da era Vargas com a criação do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, e os seus respectivos Conselhos Regionais, em 1933. Até então as profissões eram simplesmente aceitas e reconhecidas pela população. A profissão mais beneficiada foi a do engenheiro. Em outros países, como na Alemanha, existem dois níveis de engenheiros. Aqueles formados por instituições de ensino grau médio, que se intitulam simplesmente Engenheiro (Ingenieur) e os formados por Escolas Técnicas Superiores, vinculados sempre à Universidades e que se intitulam Engenheiro Diplomado (Diplom Ingenieur). Na regulamentação da profissão de engenheiro, este detalhe não fora percebido, e assim todos os alemães engenheiros, com formação grau médio, passaram a ter, de acordo com a re-

gulamentação, o direito de usar o título de Engenheiro, pois no Brasil, só existe um nível de engenheiro, isto é, aquele com formação universitária. Tratava-se de regulamentar as profissões dos estrangeiros que tinham imigrado ao Brasil, até a data da implantação da regulamentação. Aqueles que chegariam ao Brasil, após a data da regulamentação, não mais tinham suas profissões liberais reconhecidas. Tinham que submeter-se à um exame de revalidação da profissão, que afirmavam possuir, comprovando devidamente o curso absolvido na terra de origem. Excetuam-se os brasileiros natos que estudam fora do país, em escolas reconhecidas pelo Ministério da Educação.

Antes da regulamentação da profissão, os imigrantes muitas vezes enfeitavam-se com profissões que não possuíam. Era comum pessoas se apresentarem como

agrimensores, só pelo fato de terem prática em levantamentos, enquanto outros realmente possuíam cursos de agrimensura. Muitos destes apresentavam-se como engenheiros. Alguns com cursos de técnico grau médio (Ingenieur) se faziam passar por engenheiros (Diplom Ingenieur).

Na regulamentação das profissões certo número de agrimensores tentou obter a regulamentação como engenheiro. Isto naturalmente fora vetado. Somente alguns engenheiros de grau médio obtiveram a equiparação profissional.

Entre aqueles que informaram-me pessoalmente no passado, da equiparação de sua profissão de técnico grau médio à engenheiro, encontram-se o Sr. Paul Werner que, com o Sr. Curt S. E. von Hertwig, recuperaram a Electro-Aço Altona em sua segunda fase. E Francisco Hrozer (conhecido como Rossek), que originariamente trabalhou como projetista na Geobra, sediada no Rio de Janeiro subsidiária de Phillip Holzmann da Alemanha. Após a liquidação da mesma pelo governo no início da 2ª. guerra, mudou-se para Blumenau, onde estabeleceu-se com um escritório de engenharia.

Entre os agrimensores é impensável mencionar José Deeke, agrimensor por concurso feito em Florianópolis, que deixou farto material de trabalho. Dedicava-se a trabalhos de maior monta como os levantamentos de colônias, municípios e confecção de mapas.

Já em trabalhos de menor monta, principalmente nas medições de lotes, litígios de limites, etc., merece menção especial, o saudoso professor da escola do Garcia, Rudolf Hollenweger, segundo ele mesmo, agrimensor prático. O Sr. Hollenweger, por sua integridade moral, era solicitado sempre quando existiam litígios de limites.

Entre os construtores, faz-se justiça mencionar o Sr. Brunner, que intitulava-se Tiefbauingenieur (especialista em mecânica de solos) que, além da construção do porto pluvial, foi o responsável por um grande número de muros de arrimo, ao longo do Rio Itajaí Açu, e ribeirões vizinhos. O Sr. Brunner nunca fez mistério de sua formação de técnico grau médio. Falta-lhe, porém, uma sonda, ferramenta indispensável em mecânica dos solos, para poder analisar o subsolo e decidir o andamento dos trabalhos...

Memória Histórica de Vitoriosa Colonização

ERRATA

Na edição nº. 1, de janeiro último, aconteceu um equívoco no final do tópico publicado. É que no "aviso" do Presidente da Província, deveria constar, em seu final, após as abreviaturas L. do S., o nome de Carlos Augusto Ferraz de Abreu". (fechar aspas e ponto). Todavia, o nome de Carlos Augusto Ferraz de Abreu, constou erradamente, na edição seguinte, como sendo o autor do texto final sob o subtítulo "Emancipação Precoce". Também foi omitido o nome do autor na edição nº. 3, a conclusão de todo o trabalho, com o subtítulo "Rancho Queimado e Águas Mornas". O autor de todo este trabalho histórico, publicado por "Blumenau em Cadernos" em diversas edições a partir de 1995, é TONI VIDAL JOCHEM, cujo sobrenome também saiu com incorreções no sumário da edição de janeiro. Ficam aqui, portanto, estas retificações, com nossas escusas ao autor Toni Vidal Jochem.

O Editor

REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (IV)

Pe. Antônio Francisco Bohn

20. Relatório do 1º. ano da Caixa Diocesana (1896) "De ordem do Exmo. Sr. Bispo Diocesano em cumprimento do que S. Excia. Revma. prometeu em sua circular de 1º. de novembro do ano passado, tenho a honra de apresentar a V. Revma. o modesto, porém exato Balancete do Óbulo Diocesano, em seu primeiro ano de existência, de janeiro a dezembro de 1896. S. Excia. ordena que V. Revma. leia o Balancete e os Mapas anexos em sua Igreja em um dia de maior concurso de fiéis, a fim de que todos os que concorreram com os seus Óbulos, saibam de que modo foram empregadas as suas esmolas. S. Excia. quer que por ocasião dessa leitura V. Revma. transmita os seus mais vivos agradecimentos a todos aqueles que, atendendo ao seu pedido, correram em auxiliá-lo com as suas ofertas e que exorte fortemente aos que ainda não tem concorrido, lembrando-lhes o dever e as vantagens de esmolar para as obras pias..."

Curitiba, em 02.03.1897.

21. Balancete da Caixa Diocesana de janeiro a dezembro de 1896 e Mapa I de contribuições.

Obs.: Observe-se neste Mapa I as Paróquias que faziam parte do Bispado de Curitiba (pelo menos as que colaboraram).

1. Santo Amaro e Enseada.
2. Antonina.
3. S. Antônio das Necessidades.
4. Bacalúva.
5. Blumenau.
6. Brusque (curato).
7. Campo Largo.
8. Campos Novos.
9. Castro.
10. Curitiba.
11. Curitibaanos.
12. Desterro.

13. São Francisco.
14. Garopaba.
15. Gaspar.
16. Guarapuava.
17. Jacarezinho.
18. Jaguaraiava.
19. Iguacú.
20. Imbituba.
21. Joinville.
22. São José (Santa Catarina).
23. São José da Boa Vista.
24. São José dos Pinhais.
25. Itajaí.
26. Santa Ana do Itararé (Curato).
27. Lages.
28. Laguna.
29. Lapa.
30. São Mateus (Capelania).
31. São Miguel.
32. Morretes.
33. Nova Trento (Curato).
34. Palmas.
35. Palmeira.
36. Paranaguá.
37. Paraty.
38. São Pedro de Alcântara.
39. Ponta Grossa.
40. Ribeirão.
41. Rio Negro.
42. Teresópolis (Curato).
43. Tubarão.
44. Colombo (Curato).
45. Vila Nova.
46. Votuverava.
47. Colônias Italianas.
48. Rio Vermelho (Capelania).
49. Urussanga (Capelania).
50. Braço do Norte (Capelania).
51. Lucena (Capelania).
52. Água Branca (Capelania).

Mapa II.

Esmolas recebidas diretamente pelo Sr. Bispo Diocesano ;

1. Francisco Antônio Guerra.
2. Major Salvador de Queiroz.
3. Felles de São Paulo.
4. Major Sertório, de São Paulo.
5. Dr. José Couran, de Curitiba.
6. Manoel Paulo de Siqueira, Imbituba.
7. Paróquia de Lages.
8. José Maria dos Santos Carneiro, de Florianópolis.
9. Paróquia de Garopaba.
10. Dr. Wigando Engelke, Blumenau.
11. Três Católicos de São José (Santa Catarina).
12. Dorval Ferreira Macedo.
13. Pe. Bernardo de S. Penedo (Florianópolis).
14. Pedro Hereck (Santo Amaro).
15. Pedro e Joaquim Pretz (Santo Amaro).
16. Lulz Sans (São José e Alto Tijucas).
17. Pe. Antônio Eising (de Brusque).
18. Marcos Konder (Itajaí).
19. Cônego Jerônimo Pedroso (São Paulo).
20. Polacos de Campo Comprido.
MAPA III :
Paróquias que não concorreram :
 1. Araranguá.
 2. Assungu.
 3. Barra Velha.
 4. Camboriú.
 5. Canasvieiras.
 6. Conchas.
 7. Guararessaba.
 8. Imarú.
 9. Lagoa.
 10. Mirim.
 11. Penha de Itapocorói.
 12. Pescaria Brava.
 13. Palmira (Capelania).
 14. Piraí.
 15. Porto Belo.
 16. Porto de Cima.
 17. Rio Vermelho.
 18. Cerro Azul.
 19. São João Alto Tijucas.
 20. Tomazina.

21. Tijucas Grande.
22. Trindade.
23. Abranches (Capelania).
24. Rio Claro (Capelania).
25. Morici e Zacarias (Capelania).

Obs.: Pode-se constatar pela lista das Paróquias, Capelanias e Curatos que colaboraram ou não, que o total chega a 77, representando os locais que compunham o Bispado de Curitiba.

22. Circular nº. 19 sobre a catequese em 25.01.1899 e nomeação do Diretor Geral.

23. Carta Pastoral (nº 8) de Dom José de Camargo Barros, bispo de Curitiba sobre a solene Homenagem a Jesus Cristo Redentor e ao seu Augusto Vigário na terra, em 16.01.1899.

Mandamento decorrente do assunto tratado na Carta Pastoral :

1. Nas bênçãos do SS. Sacramento sejam feitas orações pelo Papa.
2. Texto da oração a ser recitada todos os dias e principalmente nos meses de Maria e do Rosário.
3. Seja feita a adoração ao SS. Sacramento por quarenta horas contínuas desde 30.12.1900 até 01.01.1901.
4. Em todas as matrizes e nas capelas onde for possível, celebrem-se neste novo ano com todo o fervor os meses de Maria, do Sagrado Coração de Jesus e do Rosário.
5. Seja feita a novena do Espírito Santo.
6. Seja intensificado o ministério da pregação e do catecismo nos domingos e dias santos.
7. Sejam organizadas comissões paroquiais para esmolas e donativos.
8. Os donativos sejam enviados ao Mons. Alberto José Gonçalves, cura da catedral.
9. Seja lida em público a Carta Pastoral.
10. Seja registrada no livro do Tombo.

Curitiba, aos 16.01.1899.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

— DIA 07/04/1946 — O jornal noticia sobre providências adotadas para o início da construção do majestoso estádio de futebol do Maracanã, destinado à Copa que seria em 1948 e que finalmente aconteceu em 1950.

— DIA 10/04/1946 — É noticiada, com destaque, a vitória Juan Peron, para a presidência da Argentina, vencendo por uma diferença de 267.363 votos.

— DIA 14/04/1946 — Em concorrida solenidade, assim como o cumprimento de vasto programa, foi realizado o batismo de novo barco, da frota do Clube Náutico América, na sede do clube. O barco foi fabricado no Estaleiro Max Janke, em Niterói e encomendado pelo então diretor de remo do América, Carlos Ubiratan Jatahy e tomou o nome de "Elke". As primeiras remadas foram dadas pelos atletas Ubiratan Jatahy, Roberto Leyendecker, Saul Duque e Vitor Hoh. O barco foi doado pela Cia. Hering. *** No Estádio do Guarani, em Itoupava Norte, o Guarani venceu o C.A. Tupi, de Gaspar, por 1 a 0. *** Em Brusque, jogaram C.A. Carlos Renaud e G.E. Olímpico. Resultado: empate de 3 a 3.

— DIA 28/04/1946 — No estádio do G.E. Olímpico, à Alameda Rio Branco, jogaram as equipes do Palmeiras e do América, de Joinville. Vitória do Palmeiras por 4 a 3. O Palmeiras jogou com: Oscar, Juca e Tiurra; Pfau, Emilio e Lambança; Renê, Teixeira (Lazinho), Nicácio (Augusto), Menezes e Saulzinho. América: Gonzaga, Currage e Farraco (Baldo); Vico, Piazeria e Téia; Pacholo, Cocada, Badeco, Zabote e Renê. *** Os representantes da Ford — Casa do Americano — apresentaram ao público especialmente convidado, os novos modelos de carro Ford-1946, importados dos Estados Unidos.

— DIA 1º/05/1946 — Jogando em seu estádio, na "baixada", o G.E. Olímpico venceu a equipe do Marcílio Dias pela contagem de 5 a 3. O Olímpico formou com: Waldir, Artur e Arécio; Piska (Kuntz), Longo e Jalmo; Nandinho, Hélio, Bodinho, Brito e Abreu. O Marcílio jogou com: Waldo, Maru e Kenda; Acacio (Braga), Zico e Leônicio; Afonsinho, Tião, Nhonhô, Armando, e Vanildo (Laguna).

GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges

(Continuação)

B1-39 — Maria Schappo, n. 16.10.1898 — R.C. Spa, 09.09.1899 — (17V-60), f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878 — n/p Matias Schappo e Ignez Kehrig, f. Estefan Kehrig, n. 1802 e Catarina Esper, n. 1803 — n/nt João Petry, n. 1842 e Margarida Schmidt, n. 17.07.1844.

B2-40 — Catarina Schappo, n. 18.04.1900 — R.C. Spa, 23.04.1900, (18V-69), f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B3-41 — Matilde Schappo, n. 1902, f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B4-42 — Zeno Schappo, n. 04.09.1903 — R.C. Spa, 11.01.1904 — (28-121), f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B5-43 — Clara Schappo, n. 16.05.1905 — R.C. Spa, 23.05.1905, (30V-143), f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B6-44 — Lidvína Schappo, n. 1907, f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B7-45 — Cecília Schappo, n. 19.01.1909 — R.C. Spa, 24.01.1909, (37V-206), f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B8-46 — Filomena Schappo, n. 1911, f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B9-47 — Antônio Schappo, n. 18.10.1912 — R.C. Spa, 20.10.1912, (45V-257), f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B10-48 — José Leopoldo Schappo, n. 25.06.1914, f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B11-49 — Amélia Schappo, n. 1917, f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

B12-50 — Alípio Schappo, n. 1918, + Itup., f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878 — cc Laura Axim.

B13-51 — Laudelino Schappo, n. 1920, f. Miguel Schappo e Margarida Petry, n. 1878.

N4-34 — Nicolau Petry, n. 1879, + Spa a 12.12.1943, c/64 anos, (99-105), viúvo de Filomena Schmitz — f. João Petry, n. 1842 e Margarida Schmidt, n. 17.07.1844 — n/p Matias Petry e Catarina Pauli, n. 1820 — n/m João Schmitz e Catarina Koeff. Pais de 10 filhos.

B1-52 — Maria Petry, n. 30.08.1901 — R.C. Spa de 03.09.1901, (21-92), f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

B2-53 — Clara Petry, n. 12.11.1902 — R.C. Spa de 15.11.1902, (22V-107), f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

B3-54 — Catarina Petry, n. 06.03.1904 — R.C. Spa de 31.03.1904, (28V-125), f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

B4-55 — Juliana Petry, n. 06.09.1905 — R.C. Spa de 11.09.1905, (31-149), f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

B5-56 — Leocadia Petry, n. 15.04.1907 — R.C. Spa de 18.04.1907, (34V-178), f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

B6-57 — José Petry, n. 26.11.1908 — R.C. Spa de 30.11.1908, (37-202) f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

B7-58 — Elisabete Petry, n. 20.08.1910 — R.C. Spa de 25.08.1910, (40-229), f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

B8-59 — Verônica Petry, n. 1913, f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

B9-60 — Gabriel Petry, n. 15.06.1915 — R.C. Spa de 20.06.1915 — (49-290), f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

B10-61 — Fridolino Petry, n. 1917, f. Nicolau João Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz.

N5-35 — Augusto Petry, n. 1887, + Spa a 30.09.1890, c/3 anos, f. João Petry, n. 1842 e Margarida Schmidt, n. 17.07.1844 — n/p Matias Petry e Catarina Pauli, n. 1820 — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819.

F6-6 — Madalena Schmidt, f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819. Em 15.05.1871, cas. Spa, (52-17) — cc João Pedro Petry, n. 18.09.1844, f. Matias Petry e Catarina Pauli, n. 1820.

F7-7 — Helena Schmidt, n. 30.04.1846, bat. em S.J. a 19.06.1846, L. 845/48,

fl. 27V, + a 13.06.1911, Spa (91-29), sep. em Spa, c/65 anos, f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — n/p João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — cc João Pedro Petry, n. 18.09.1844, viúvo de Madalena Schmidt, sua cunhada; + a 27.09.1922, Spa (94V-62), c/78 anos e sep. em Spa; f. Matias Petry e Catarina Pauli, n. 1820. Pai de 11 filhos.

N1-36 — Antônio Petry, n. 1872, + a 17.04.1936 em Spa, c/64 anos, (96V-84), f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846 — cc Catarina Junkes, f. Pedro Junkes e Ana Maria Nekel. Pai de 16 filhos.

B1-62 — Clemente Petry, n. 1898, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B2-63 — Bertoldo Petry, n. 07.09.1901 — R.C. Spa de 16.10.1901, (21-95), fl. 145, T 303, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B3-64 — Ana Petry, n. 1902, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B4-65 — Apelônia Petry, n. 1904, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B5-66 — Desidério Petry, n. 1905, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B6-67 — Miguel Petry, n. 1906, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B7-68 — Carlos Petry, n. 1907, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B8-69 — Libório Petry, n. 1908, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B9-70 — Augusto Petry, n. 07.10.1909, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes — R.C. Spa de 10.10.1909 — (38V-215).

B10-71 — Aloísio Petry, n. 26.12.1910 — R.C. Spa de 29.12.1910, (41V-241), f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B11-72 — Samuel Petry, n. 1912, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes + com 46 dias.

B12-73 — Leonardo Antonio Petry, n. 04.08.1913 — R.C. Spa, 09.08.1913, (46V-266), f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B13-74 — Sibila Petry, n. 01.09.1914 — R.C. Spa, 06.09.1914, (48V-285), f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B14-75 — Bernardo Antonio Petry, n. 23.09.1915 — R.C. Spa, 30.09.1915, (49-292), f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B15-76 — Verônica Petry, n. 1917, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

B16-77 — Maria Anastácia Petry, n. 1919, f. Antonio Petry, n. 1872 e Catarina Junkes.

N2-37 — João José Petry, n. 1874, + a 19.07.1944, c/71 anos, Spa (59V-114), f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846 — n/p Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, 1819 — cc Catarina Alein. Pai de 7 filhos.

B1-78 — Sebastião Petry, n. 1900, f. João José Petry, n. 1874 e Catarina Alein.

B2-79 — Simão Petry, n. 1901, f. João José Petry, n. 1874 e Catarina Alein.

B3-80 — Fernando Petry, n. 1903, f. João Pedro Petry, n. 1874 e Catarina Alein.

B4-81 — Matilde Petry, n. 1907, + a 08.02.1957, c/50 anos, Spa (7-137), f. João José Petry, n. 1874 e Catarina Alein — cc Leopoldo Junkes. Pai de 13 filhos.

T1-121 — José Leopoldo Junkes.

T2-122 — Mônica Junkes.

T3-123 — Blautina Junkes.

T4-124 — Florentina Junkes.

T5-125 — Julita Junkes.

T6-126 — Clotilde Junkes.

T7-127 — Bernadete Junkes.

T8-128 — Norberto Junkes.

T9-129 — Valdeberto Junkes.

T10-130 — Margarida Junkes.

T11-131 — Delfino Junkes.

T12-132 — Rosina Junkes.

T13-133 — Virgínea Junkes.

B5-82 — Domingos Petry, n. 1908, f. João José Petry, n. 1874 e Catarina Alein — n/p João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846.

B6-83 — Maria Petry, n. 1910, f. João José Petry, n. 1874 e Catarina Alein — n/p João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846.

B7-84 — Alcísio Petry, n. 1914, f. João José Petry, n. 1874 e Catarina Alein — n/p João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846.

N3-38 — Jacó Petry, n. 1875, + a 19.12.1940, c/66 anos, Spa — (58-95), f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846 — n/p Matias Petry e Catarina Pauli, n. 1820 — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — cc Bárbara Gorges, n. 1880, f. João Gorges, n. 1845 e Agnes Müller, n. 1848 — n/p Matias Gorges, n. 1795 e Margareth Laux — b/p Antonio Gorges e Maria Prim. Pai de 13 filhos.

B1-85 — Maria Petry, n. 1899, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B2-86 — Alberto Petry, n. 1901, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B3-87 — Marcolino Petry, n. 1903, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B4-88 — Madalena Petry, n. 1904, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B5-89 — Daniel Petry, n. 19.12.1906 — Spa, + 1961, f. Jacó Petry, n. 1875, + 1941 e Bárbara Gorges, n. 1880, + 1958 — n/p João Pedro Petry, n. 18.09.1844, + a 19.06.1922, c/78 anos e Helena Schmidt, n. 30.04.1846, + 13.06.1911, c/65 anos — (91-29) — n/m João Gorges, n. 1845, + 29.12.1918, c/73 anos e Agnes Müller — b/p Matias Petry e Catarina Pauli, n. 1820, b/m Matias Gorges, n. 1795 e Margarida Laux, n. 1804, + a 09.08.1884, c/80 anos — Sep. em Sta. Filô — t/p Felipe Petry, (o 1º) — cc Ana Kappes (Fi-PR Reitz, fl. 198) — t/m Antonio Gorges e Maria Prim —

cc Apolônia Reitz, n. 21.06.1911, AC (Fi-PR Reitz, fl. 134, nº. 35), f. Nicolau Adão Reitz, n. 05.02.1876, Rachadel/AC e Ana Wilwert — n/p João Adão Reitz, n. 18.12.1842 em Hirschfeld-Zell, Alemanha e + a 28.02.1940 em Rachadel/AC, c/98 anos e Maria Reinert, n. 18.06.1848, Louro/AC, + 26.08.1918, c/70 anos, em Rachadel/AC — b/p Johann Reitz, n. 1799 e Ana Catarina Klein — t/p Philippus Matias Reitz, n. 21.09.1770 e Ana Maria Friedrich. Pai de 8 filhos.

T1-134 — Maura Petry, n. 21.05.1933, AC — cc José Francisco Baumgarten, n. 30.08.1930, AC — f. Antônio Leonardo Baumgarten e Apolonia Schmitt — n/p João Baumgarten e Margarida Alflen — n/m Nicolau Schmitt e Filomena Sens. Pai de 4 filhos.

T2-135 — Maria Elfrida Petry, n. 20.07.1934, f. Daniel Petry, n. 19.12.1906, Spa e Apolônia Reitz, n. 21.06.1911 — cc Leo Gorges, n. 20.09.1932, AC e f. Estevão Matias Gorges e Maria Kons — n/p Matias Gorges, n. 12.09.1860, Spa e Ana Sens, f. Egidio Sens, n. 1821 e Catarina Meinchein, n. 1839 — b/p Matias Gorges e Gertrude Kuhn. Pai de 3 filhos.

T3-136 — Oslin Petry, n. 1935, +.

T4-137 — Edite Petry, n. 09.05.1937.

T5-138 — José Milton Petry, n. 19.09.1938 — cc Noemia Isoltina Miranda.

T6-139 — Dircéa Petry, n. 14.12.1941.

T7-140 — Jairo Petry, n. 12.07.1943.

T8-141 — Márcia Petry, n. 19.02.1945.

B6-90 — Teresa Petry, n. 1908, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B7-91 — Francisco Petry, n. 1910, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B8-92 — Paulina Petry, n. 1912, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B9-93 — José Petry, n. 1914, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B10-94 — Adélia Petry, n. 1915, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B11-95 — Sidônia Petry, n. 1917, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B12-96 — Serena Petry, n. 1918, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880.

B13-97 — Leonila Petry, n. 1920 — Spa, f. Jacó Petry, n. 1875 e Bárbara Gorges, n. 1880 — cc Irineu Clasen, f. João Carlos Clasen e Generosa Reitz — n/p Pedro Clasen, n. 1851, + 1927, Spa e Gertrude Kehrig, n. 09.09.1842, + 31.05.1930, Spa — n/m Pedro Reitz, n. 25.11.1832 em Hirschfeld/Alemanha, e Maria Ana Arens, n. 28.04.1838, Spa.

Gertrude Kehrig é filha de Estefano Kehrig, n. 1802 e Catarina Esper, n. 1803 — b/p Jacó Clasen e... — t/p Pedro Clasen, n. 1780 e Susana Meries, n. 1789, + Spa — Maria Ana Arens, é filha de Pedro Arens e Maria Madalena Wirschem (viúva de João Pedro Schmitt — que é objeto desta genealogia, desde 1645). O casal Leonila Petry e Irineu Clasen são pais de 12 filhos.

T1-142 — Genésio José Clasen, n. 27.04.1948 — cc Dalva Teresinha Silva, Tabela de Spa, que nos proporcionou as pesquisas. Pai de 3 filhos.

N4-39 — Helena Petry, n. 1876, f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846 — cc Henrique Fuck.

N5-40 — Filomena Petry, n. 1877, f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846.

N6-41 — Catarina Petry, n. 1879, f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846.

N7-42 — Felipe Petry, n. 21.10.1880, bat. C.T. a 01.11.1880, fl. 54, T 174-7, f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846 — cc Paulina Gorges, n. 1884, f. João Gorges, n. 1845 e Agnes Müller, n. 1848 — n/p Matias Gorges, n. 1795 e Margarida Laux, n. 1804 — n/m Matias Müller, n. 1812 e Catarina Haendchen — b/p Antonio Gorges e Maria Prim — b/m João Müller, n. 1779, na Francônia/Alemanha — (Fi-PRR, fl. 195). Pai de 4 filhos.

B1-98 — Leonardo Petry, n. 20.10.1907 — RC. Spa de 24.10.1907 — (35V-187), f. Felipe Petry, n. 21.10.1880 e Paulina Gorges, n. 1884.

Em 10.09.1930, cas. Spa — cc Juliana Haack, 1ª. esposa. Em 2ª. núpcias, em 30.05.1947, Cart. Cambirela — cc Frida Hoffmann, 2ª. esposa.

B2-99 — Catarina Paulina Petry, n. 14.01.1909, RC. Spa a 21.01.1909, (37V-205), f. Felipe Petry, n. 21.10.1880 e Paulina Gorges, n. 1884.

B3-100 — Roque Petry, n. 18.02.1911 — RC. Spa de 20.02.1911 — (42-244), f. Felipe Petry, n. 21.10.1880 e Paulina Gorges, n. 1884.

B4-101 — Ida Petry, n. 04.06.1915 — RC. Spa de 10.06.1915 — (49-291) f. Felipe Petry, n. 20.10.1880 e Paulina Gorges, n. 1884.

N8-43 — Raymundo Petry, n. 31.08.1882, bat. C.T. a 19.10.1882, fl. 86, T 107-10, f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846.

N9-44 — Reinoldo Petry, n. 1883, f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846.

N10-45 — Maria Petry, n. 1886, + c/72 anos, f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846 — cc José Hilleshein.

B1-102 — Padre Mário Hilleshein, SCC.

B2-103 — Ana Hilleshein, n. 04.11.1907 — RC. Spa, 07.11.1907 — (35V-188), f. José Hilleshein e Maria Petry, n. 1886, 2ª. esposa de Nicolau Bornhofen, Ang.

B3-104 — Antonio Hilleshein, n. 08.02.1909, f. José Hilleshein e Maria Petry, n. 1886.

B4-105 — Maria Hilleshein, n. 02.10.1910 — RC. Spa, 11.10.1910, (41-236), f. José Hilleshein e Maria Petry, n. 1886.

B5-106 — Lúcia Hillshein, n. 05.03.1912 — RC. Spa, 10.03.1912, (42V-249) f. José Hilleshein e Maria Petry, n. 1886.

N11-46 — Bernardo Petry, n. 1888, f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846.

N12-47 — Gertrude Petry, n. 1891, f. João Pedro Petry, n. 18.09.1844 e Helena Schmidt, n. 30.04.1846 — n/p Matias Petry e Catarina Pauli — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n.1819.

F8-8 — Felisbina Schmidt, n. 1848, + a 16.09.1916, c/68 anos — Spa, f. Nicolau Schmidt, n. 1815, em Brohl/Alemanha e Margarida Bins, n. 1819, na Alemanha — n/p João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin.

Os Bins chegaram ao Desterro à bordo do Bergantin Marquês de Viana, a 12.11.1828 e em julho de 1830, foram para Biguaçu.

Em 07.11.1866, cas. Spa — (51V-14) — cc Bernardo Körigh (Kehrig), f. Estevão Kehrig, n. 1802 e Catarina Esper, n. 1809, f. Paulo Esper e Catarina Arns — n/p Bernardo Kehrig e Gertrudes Michels. Pais de 11 filhos.

N1-48 — Catarina Kehrig, n. 1868, + a 15.10.1939 — (58-93), Spa — c/71 anos.

B1-107 — Bernardo Vicente Koerich.

N2-49 — João Bernardo Koerich, n. 1870, + a 15.06.1941, c/71 anos, Spa — (58-96) — Ana Catarina Hilleshein.

B1-108 — Francisco de Assis Koerich.

N3-50 — Maria Koerich, n. 1872 — (Maria Joaquina Koerich), + a 15.08.1952, c/80 anos — (6V-131), Spa. Viúva de Jacó Pedro Gesser, f. João Gesser e Gertrude Nekel.

B1-109 — Maria Angelina Gesser, n. 20.03.1895 — RC. Spa, 12.06.1895, (12V-22).

B2-110 — Antonio Gesser, n. 02.03.1898 — RC. à 21.07.1899, Spa — (16V-50) — cc Catarina Cecília Schweitzer, em 07.09.1929.

B3-111 — Wilibaldo Gesser, n. 18.05.1905 — RC. de 25.05.1905, Spa — (30V-144).

N4-51 — Alberto Koerich, n. 1874.

N5-52 — José Koerich, n. 1876, (José Bernardo Koerich), + c/83 anos, Spa — viúvo de Ana Catarina Hoffmann, sep. em S. Sebastião de Betânia, f. Bernardo Koerich e Felisbina Schmidt, ela filha de João Luiz Hoffmann e Ema Richardt.

(Continua no próximo número)

Tomo XXXVI a disposição

Já está encadernado o Tomo XXXVI de "Blumenau em Cadernos". Os leitores que habitualmente o adquirem anualmente, poderão fazê-lo na Biblioteca Pública desta Fundação. Quem devolver os números avulsos do ano, terá um desconto de dez reais, no Tomo adquirido.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50.
Instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.
89010-001 B L U M E N A U Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

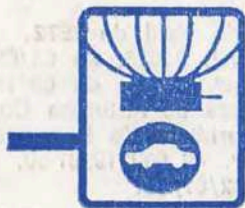
- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves
Diretor Depto. Histórico Museológico : Sueli M. V. Petry



Consórcio
Breitkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.